G. Minas Produções Audiovisuais Ltda.

PROJETOS DE PROGRAMAS EDUCATIVOS PARA TELEVISÃO

I - HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA

Primeiro Programa Piloto:

ARARIBÓIA Pág. 7

Segundo Programa Piloto:

HERÓIS DE TRÊS RAÇAS Pág. 12

II - PROJETOS DE SERIADOS PARA TELEVISÃO

1 - **A TERCEIRA CIVILIZAÇÃO** Pág. 21

2 - **DOIS GÊNIOS EM DOIS SÉCULOS** Pág. 25

3 - **LUND E O PASSADO ARQUEOLÓGICO DE MINAS** Pág. 28

4 - **O RIO SÃO FRANCISCO** Pág. 32

5 - **CICLO DA MINERAÇÃO** Pág. 37

6 - **TESOUROS FOLCLÓRICOS DO BRASIL** Pág. 46

FUNDAÇÃO
TV MINAS
CULTURAL E
EDUCATIVA

REDE MINAS

Belo Horizonte, 20 de outubro de 1997

À
G.MINAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS LTDA
ATENÇÃO DO SR.GERALDO SANTOS PEREIRA
RUA POMPÉIA, 39, SALA 01- PRADO
BELO HORIZONTE

Recebemos e examinamos os projetos "ESTÓRIAS DA HISTÓRIA DO BRASIL", "HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA" e "PROJETOS DE SERIADOS PARA TELEVISÃO", elaborados pela "G. Minas Produções Audiovisuais Ltda".

Por suas implicações didáticas e culturais, os referidos projetos interessam particularmente à Rede Minas de Televisão, sobretudo por abordarem episódios e a vida de grandes vultos da História do Brasil , destinando-se não só ao público escolar como a todos aqueles que cultuam nossa História.

A Rede Minas de Televisão está convencida de que tais projetos atrairão o interesse de outras emissoras educativas e culturais do país, agora beneficiadas pela recente Medida Provisória, editada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, que lhes ampliou os benefícios da legislação de incentivo fiscal.

Com a manifestação de alto apreço, assino, muito cordialmente,

Luiz Carlos Pires Fernandes
Diretor de Programação e Produção

HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA

Projeto de programa educativo e cultural para a Televisão

Por Geraldo Santos Pereira

I - INTRODUÇÃO

Recente Medida Provisória, assinada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, permite que empresas e pessoas físicas descontem do Imposto de Renda devido até 100% dos investimentos culturais, não podendo a totalidade dos abatimentos ultrapassar 5% daquele imposto.

A Medida Provisória alterou a Lei Rouanet e autorizou as emissoras não-comerciais de rádio e Televisão e as instituições públicas da área cultural a captarem recursos, usando os benefícios da lei através de projetos específicos de conteúdo didático, educativo e cultural.

A medida, naturalmente, trará grande incentivo aos programas culturais e educativos produzidos e apresentados pela Televisão brasileira. Com esta convicção, elaboramos projetos enquadrados no âmbito da referida Medida Provisória, e que temos agora oferecemos à consideração dos canais de televisão interessados na apresentação de programas que obedeçam ao referido texto legal.

II - OBJETIVOS

HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA constituem uma série de programas semanais relatando a vida de grandes vultos da História do Brasil, destacando a influência que exerceram na evolução histórica, política, humana e social de nosso país.

Os programas, a serem apresentados em linguagem acessível a estudantes e público em geral, serão ilustrados com considerável material composto de gravuras e imagens gravadas em museus e locais onde ocorreram fatos relacionados com a vida e feitos dos personagens abordados, bem como, finalmente, a gravação de depoimentos de historiadores brasileiros, cenas de filmes cinematográficos e de animação.

Inspirou-nos, na seleção dos heróis de nossa História a interpretação dos melhores historiadores brasileiros, como Osório Duque-Estrada que escreveu, em sua "História do Brasil":

"Passada a época das primeiras explorações, do choque entre as diversas raças e da conquista do território, temos já a formação da alma brasileira,

precursora da fundação de uma nova nacionalidade, e vê-la-emos em breve afirmar-se nas lutas pela expulsão do estrangeiro, principalmente ao tempo das invasões holandesas, em que os três elementos étnicos se levantaram para defender o patrimônio comum, quer fundidos no tipo já integrado e genuinamente nacional do mestiço, quer separadamente, e tendo cada um deles o seu representante característico, tal como aconteceu com André Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão".

Outro grande historiador, o professor paranaense Rocha Pombo, ensina que "foi seguramente o regime colonial um dos fatores preponderantes na formação do nosso espírito de povo. Principalmente depois das guerras holandesas começa esse espírito a manifestar-se com uma freqüência e uma força que estavam dizendo bem claro como tinha ele de orientar toda a nossa história".

A força desse espírito amadureceu e alcançou grandeza ciclópica, como se sabe, na grande saga dos bandeirantes paulistas, de que se originaram heróicas e extraordinárias figuras, exaltadas, entre outros, por Alfredo Ellis Junior no livro "O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano", onde se pode ler:

"Já são conhecidos os detalhes da grande penetração bandeirante nas terras castelhanas, fruto único da audácia, temeridade e heroismo paulista, filhos dos lusos povoadores, em cruzamento com a raça de bronze".

Nas formidáveis campanhas pela defesa e ampliação dos limites territoriais do Brasil; na busca e exploração das grandes riquezas de nosso subsolo; nos dramáticos episódios da luta pela libertação do jugo colonial e a proclamação de nossa Independência; nos movimentos regionais contra a monarquia, antecipadores da República e, finalmente, nos grandes conflitos políticos, econômicos e sociais que até hoje agitam a vida nacional, fomos buscar os nomes imortais que hoje formam a galeria dos **HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA,** aqueles que se incorporam à tríade humana de que nos fala Tristão de Ataíde: o **herói,** como plenitude da vontade; o **gênio,** como expressão perfeita do talento e o **santo,** como esplendor da virtude.

III - RELAÇÃO CRONOLÓGICA

Apresentamos, a seguir, uma primeira relação dos vultos selecionados da cronologia histórica brasileira:

A) - DEFESA DO TERRITÓRIO

1. Araribóia;
2. Jerônimo e Matias de Albuquerque;
3. Índio Poti (Antônio Felipe Camarão);

4. Henrique Dias;
5. André Vidal de Negreiros;
6. João Fernandes Vieira.

B) - **CONQUISTA TERRITORIAL**

7. Gabriel Soares de Sousa;
8. Espinosa;
9. Fernandes Tourinho
10. Antônio Raposo Tavares;
11. Fernão Dias Paes Leme;
12. Borba Gato;
13. Bartolomeu Bueno, o Anhanguera.

C) - **DESCOBERTA DAS MINAS**

14. Antonil;
15. Chico-Rei;
16. Chica da Silva;
17. O garimpeiro Orozimbo;
18. Felipe dos Santos;
19. Pascoal da Silva Guimarães.

D) - **PIONEIROS DA LIBERDADE**

20. Manuel Beckman
21. Padre João Ribeiro Pessoa;
22. Padre Roma (José Inácio Ribeiro de Abreu Lima);
23. Frei Caneca (Frei Joaquim do Amor Divino Caneca);
24. Capitão José de Barros Lima ("Leão Coroado").
25. Jerônimo Pedroso de Barros (Guerra dos Emboabas);
26. Bernardo Vieira de Melo (Guerra dos Mascates);
27. Zumbi (Quilombo dos Palmares).

E) - **INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

28. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

F) - **A REVOLUÇÃO PERNAMBUCA DE 1817**

29. Domingos José Martins;
30. Domingos Teotônio Jorge
31. Padre Miguelinho (Miguel Joaquim de Almeida Castro)

32. Antônio Henrique Rebelo;
33. José Peregrino Xavier de Carvalho.

F) - **A INDEPENDÊNCIA**

34. José Bonifácio de Andrada e Silva;
35. José Clemente Pereira;
36. Joaquim Gonçalves Ledo;
37. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada.

G) - **PRIMEIRO E SEGUNDO REINADOS**

38. Diogo Feijó
39. Tristão de Alencar Araripe;
40. Martim Francisco;
41. Líbero Badaró;
42. Evaristo da Veiga;
43. Araújo Lima;
44. Davi Canabarro;
45. Bento Gonçalves;
46. Anita Garibaldi;
47. Rafael Tobias de Aguiar;
48. Teófilo Ottoni;
49. Pedro Ivo.

H) - **GUERRA DO PARAGUAI**

50. Joaquim Marques Lisboa - Almirante Tamandaré;
51. General Manuel Luís Osório;
52. Francisco Manuel Barroso;
53. Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias;
54. Mariz e Barros.

I) - **PIONEIRO DO PROGRESSO**

55. Irineu Evangelista de Sousa, Barão de Mauá.

J) - **ABOLIÇÃO**

56. Visconde do Rio Branco;
57. José do Patrocínio;
58. Joaquim Nabuco;
59. Rui Barbosa;

60. Conselheiro João Alfredo;
61. Rodrigo Silva;
62. Castro Alves;
63. Princesa Isabel.

K) - **LITÍGIOS DE FRONTEIRA**

64. Barão do Rio Branco

L) - **A REPÚBLICA**

65. Quintino Bocaiuva;
66. Lopes Trovão;
67. Padre João Manoel de Carvalho;
68. Benjamin Constant;
69. Francisco Glicério;
70. Campos Sales;
71. Deodoro da Fonseca;
72. Floriano Peixoto.

M) - **GRANDES VULTOS DAS ARTES E CIÊNCIA**

73. Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho;
74. Mestre Valentim;
75. Padre Maurício;
76. Machado de Assis;
77. Carlos Gomes;
78. Villa-Lobos;
79. Osvaldo Cruz;
80. Oscar Niemeyer.

N) - **MULHERES INESQUECÍVEIS**

81. Índia Catarina Paraguaçu;
82. Índia Bartira;
83. Índia Clara Camarão;
84. Maria Bárbara;
85. Damiana da Cunha;
86. D. Maria de Sousa;
87. D. Rosa da Siqueira;
88. Joana de Gusmão;
89. Francisca de Sande;
90. Maria de Siqueira;

94. Delfina Benigna da Cunha;
95. Maria Quitéria;
96. Ana Triste de Alencar Araripe;
97. Rosa da Fonseca;
98. Ana Néri;
99. Nísia Floresta;
100. Condessa de Barral;
101. Grácia Hermelinda;
102. Anita Garibaldi;
103. Ludovina Portocarrero;
104. Manoela Osório;
105. Ricarda de Brito;
106. Luciana de Abreu;
107. Orsina da Fonseca;
108. Irmã Paula;
109. Maria Curupaiti;
110. Júlia Lopes de Almeida;
111. Alina de Brito;
112. Celina Guinle de Paula Machado;
113. Irmã Gabriela;
114. Alice de Mendonça;
115. Bidu Sayão;
116. Guiomar Novaes;
117. Madalena Tagliaferro.

PRIMEIRO PROGRAMA PILOTO

ARARIBÓIA

"O valente temiminó Martim Afonso Arariy-boya", como o chamou Varnhagen no Tomo I da monumental "História Geral do Brasil", incorporou-se à História do Brasil por sua heróica atuação na campanha de expulsão dos invasores franceses, os quais, atraídos pelas riquezas da colônia, invadiram o Rio de Janeiro para fundar a *França Antártica.*

A França, como se sabe, não reconhecia o direito de Portugal e da Espanha sobre o Novo Mundo e, a partir de 1504, iniciou o comércio clandestino de pau-brasil, provocando enérgica reação dos portugueses e seus aliados indígenas.

IMAGEM Nº 1: Indígenas cortando e transportando o pau-brasil.

Mas os chamados "piratas bretões" não desanimaram e, em novas incursões, continuaram a manter propósitos de ocupar boa parte do território da colônia, inicialmente na região Sul e, depois, no Norte e Nordeste.

Além dos objetivos puramente mercantis, como o saque do pau-brasil, da pimenta e outros produtos da flora e fauna dos trópicos, o assédio francês à colônia sul-americana continha, igualmente, importante propósito religioso, pois a *França Antártica* abriria "aos calvinistas franceses, perseguidos na pátria, como ensina João Ribeiro, um asilo e refúgio sob o céu americano".

Sucederam-se, como se sabe, a partir de 1555, as expedições de Coligny e Villegaignon, que dispunham de navios de guerra transportando aventureiros, colonos e calvinistas. Mais de 300, "que vieram com a esquadra de Bois-le-Comte e se espalharam pela ilha Paranapuã e pela margem ocidental da baía do Rio de Janeiro, onde logo se formaram grandes e florescentes plantações. Aos invasores se agregaram numerosos contingentes de índios, que "Villegaignon atraía pela liberalidade e por não fazer distinção entre eles e os brancos, senão que estes lhe pareciam mais corrompidos e criminoso".

IMAGEM Nº 2: Almirante Coligny.
IMAGEM Nº 3: Villegaignon assiste à missa.

MEM DE SÁ, ARARIBÓIA E A EXPULSÃO DOS FRANCESES

Com a missão prioritária de expulsar os invasores franceses, Portugal nomeou Mem de Sá, homem experimentado, Governador-Geral da colônia, que governou por 15 anos, de 1557 a 1572.

IMAGEM Nº 4: Mem de Sá.

Em 1559 Mem de Sá recebeu de Lisboa um reforço de duas naus armadas, sob o comando de Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, e que vieram reforçar a frota de oito navios ancorados em Salvador. Organizou, então, uma expedição decisiva contra os franceses, e que contou com grande número de indígenas, convertidos pelos jesuítas.

Na barra do Rio de Janeiro Mem de Sá recebeu também reforços da capitania de São Vicente, "um bergantim e várias canoas, com moradores não só de São Paulo, como também de São Vicente, Santos e Bertioga".

A derrota dos franceses foi completa, com mais de 100 prisioneiros e a demolição de todas suas fortificações.

"Essa vitória (1560) - completa João Ribeiro - fôra, porém, inútil, porque a maior parte dos vencidos haviam-se debandado pelas terras e internado na floresta, de modo que, apenas Mem de Sá se retirara, de novo os franceses voltaram ao litoral. Tornava-se indispensável fundar aí uma cidade, núcleo de resistência contra os piratas. Fundou-a Estácio de Sá, sobrinho do Governador, junto ao Pão de Açúcar, na Praia Vermelha, onde se fortificou, construindo algumas trincheiras".

IMAGEM Nº 5: Estácio de Sá e a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

"A nova povoação era apenas um mesquinho acampamento militar, donde Estácio de Sá começou a escaramuçar franceses e índios que principalmente ocupavam a ilha Paranapuã (mais tarde chamada de Ilha do Governador) e o litoral de oeste até o rio Carioca".

"Essas guerrilhas - prossegue João Ribeiro - nada traziam de definitivo e eram ocasião de muitas perdas inúteis de ambas as partes (1565-66), inclusive a de Estácio de Sá, morto em assalto a um forte de franceses e índios. Desse estado de cousas teve notícia Mem de Sá, que embarcou na Bahia na esquadra de Cristóval de Barros, composta de três galeões, dois navios e três caravelões. Passou no Espírito Santo e aí reuniu numerosos índios guerreiros, sob o comando de Araribóia, e aproou para o Rio de Janeiro".

IMAGEM Nº 6: Estácio de Sá combate os franceses.
IMAGEM Nº 7: Morte de Estácio de Sá.

IMAGEM Nº 8: Índios Tupinambás.
IMAGEM Nº 9: Araribóia e Mem de Sá.

Araribóia desceu para o Rio de Janeiro com um exército de quatro mil arcos de sua tribo. Encheu a história do Brasil, na sangrenta campanha contra os franceses, de episódios de notável heroísmo.

"Durante a campanha da expulsão dos franceses - narra Viriato Correa no livro "Terra de Santa Cruz" - não houve valor mais brilhante que o seu. A sua destemidez aparece naquela noite trágica da Ilha de Villegaignon. É ele quem primeiro sobe os penhascos da ilha, quem primeiro põe o pé no baluarte do almirante bretão e quem faz explodir o paiol de pólvora, com um facho aceso. Mais tarde é à sua tática guerreira que se deve não ter o Rio caído novamente em poder dos franceses".

Leal e aguerrido como o grande chefe Tibiriçá, figura histórica da fundação de São Paulo, Araribóia sintetiza as virtudes ancestrais de lealdade e bravura na defesa da terra brasileira, virtudes que depois se incorporariam também a brancos, mamelucos e mulatos da população brasileira.

As numerosas tribos indígenas do Brasil, na região abaixo do Espírito Santo, estavam divididas no apoio a portugueses e franceses. De um lado os tamoios, aliados dos bretões, e, de outro, os tupinambás, ou temiminós, leais a Portugal.

IMAGEM Nº 10: Índio Tamoio, aliado dos franceses.
IMAGEM Nº 11: Soldado francês e sua arma.

Na classificação judiciosa de Varnhagen, Tupinambá era o primitivo tronco nacional, do qual se originaram "todos aqueles ramos, garfos e esgalhos que, apesar de se produzirem em terras distantes das em que se haviam plantado, não mudavam de nome".

"É mui possível - prossegue Varnhagen - que o apelido de *Pessoa* que tomaram mais tarde para si alguns descendentes dos índios não tivesse mais origem que o ser uma tradução do vocábulo *Abá*. Raramente encontramos designados por *Tupinambaranas*, ou Tupinambás bravos, aqueles que se apartavam temporariamente, enfurecidos por alguma rixa. Os separados sobrenomeavam às vezes *Tamoi* (donde veio *Tamoios*), ou Avós àqueles de quem faziam brasão de proceder; e para melhor sustentarem tal brasão se apelidavam a si *Temiminós*, ou Netos. Outras vezes se davam simultaneamente o nome de *Guaiá*, ou *Guaiá-ná*, que pode significarf "Irmãos", donde veio a denominação *Guaiases* e *Guaianases*".

Araribóia, que Mem de Sá recrutou no Espírito Santo, era um Temiminó, ou Tupinambá, a grande nação indígena que, a partir da Bahia, descia para o litoral Sul, até encontrar, de Cabo Frio até Angra dos Reis, a

cruenta tribo dos Tamoios, que os invasores franceses souberam conquistar como aliados.

"Mem de Sá - ensina o historiador - chegou ao Rio com reforços em 18 de janeiro de 1567. Dois dias depois comandou o ataque final às posições inimigas. Com a ajuda vigorosa dos comandados de Araribóia, os lusos atacaram Uruçumirim (hoje morro da Glória). A luta durou o dia todo. Ao entardecer, cerca de 600 tamoios e cinco francesese estavam mortos. No dia seguinte, dez franceses presos foram executados e, então, os portugueses atacaram a ilha de Paranapuã (Ilha do Governador), escravizando os quase mil tamoios que se renderam. O Rio estava reconquistado".

IMAGEM Nº 12: Fortaleza de Villegaignon.
IMAGEM Nº 13: Combate travado na praia do Flamengo, com a derrota final dos franceses.

Com a derrota e expulsão dos invasores, os Tamoios refugiaram-se no Forte São Mateus, em Cabo Frio, de onde os expeliu definitivamente o governador Antônio Salema com o intrépido exército de Araribóia, que, nesta e em outras campanhas bélicas, se revelara extraordinário estrategista, usando tática de guerrilhas que levavam pânico e morte aos franceses.

IMAGEM Nº 14: Índio militarizado.

IMAGEM Nº 15: Forte São Mateus, em Cabo Frio

Mas os franceses, escorraçados do Rio, voltaram a atacar, meio século depois, em 1710, a cidade fundada por Estácio de Sá, desta vez sob o comando de dois indigitados piratas, Jean-François Duclerc e René Duguay-Trouin.

IMAGEM Nº 16: Duguay-Trouin.

Mas, naquele ano, Araribóia já estava morto. Sua dedicação aos portugueses era tão absoluta e comovente que adotou, ao ser batizado, o nome de Afonso de Sousa e, por sua participação denodada na defesa do Rio e expulsão dos franceses,foi agraciado com a Ordem de Cristo, ganhando, além disso, vasta sesmaria em Niterói.

Conta frei Vicente do Salvador um episódio quase anedótico dos anos finais da vida do grande chefe indígena. Em 1575 o novo governador da região sul do Brasil, Antônio Salema, reuniu as tribos indígenas amigas para agradecer e exaltar a lealdade e bravura com que se tiveram na luta pela expulsão dos invasores franceses.

Araribóia, deixando a aldeia no morro de São Lourenço, veio comprimentar o governador e, já velho e cansado, a certa altura, sentado ao lado de Salema, cruzou as pernas sobre a cadeira. O governador, que era uma criatura rigorosa em assuntos protocolares, mandou um intérprete dizer-lhe que sua atitude era incorreta e ofensiva, cruzando as pernas diante de um representante de El-Rei.

Araribóia respondeu, então, ao intérprete:

- "Diga ao governador que, se ele soubesse como as minhas pernas de velho estão cansadas de guerrear em favor de El-Rei, não estranharia que elas merecessem este pequeno repouso".

E, imediatamente, levantando-se, completou:

- Fiz mal em vir cá. Não sou cortesão. Devia ter ficado na minha aldeia, com meus índios. Aqui não volto mais. Quando precisarem de mim, lá estou".

IMAGEM Nº 17: Araribóia em Niterói.

Morreu velho e esquecido em sua terra. Mas a História lhe fez justiça e Niterói o homenageou com um monumento onde estão guardados seus restos mortais.

ENTREVISTA E DOCUMENTAÇÃO SUPLEMENTAR

Além da documentação das gravuras que ilustram o texto, e que vêm a seguir, o seriado incluirá, igualmente, imagens videográficas registradas em museus do Rio de Janeiro, Niterói e regiões onde ocorreram episódios da luta contra os franceses.

Também se prevê a inclusão, no final do seriado, de uma entrevista com o historiador Francisco Iglésias, consultor da G. Minas Produções Audiovisuais Ltda.



Mapa do Brasil, reproduzido do atlas dos Reinel — Vêem-se aborigenes cortando e transportando o pau-brasil.

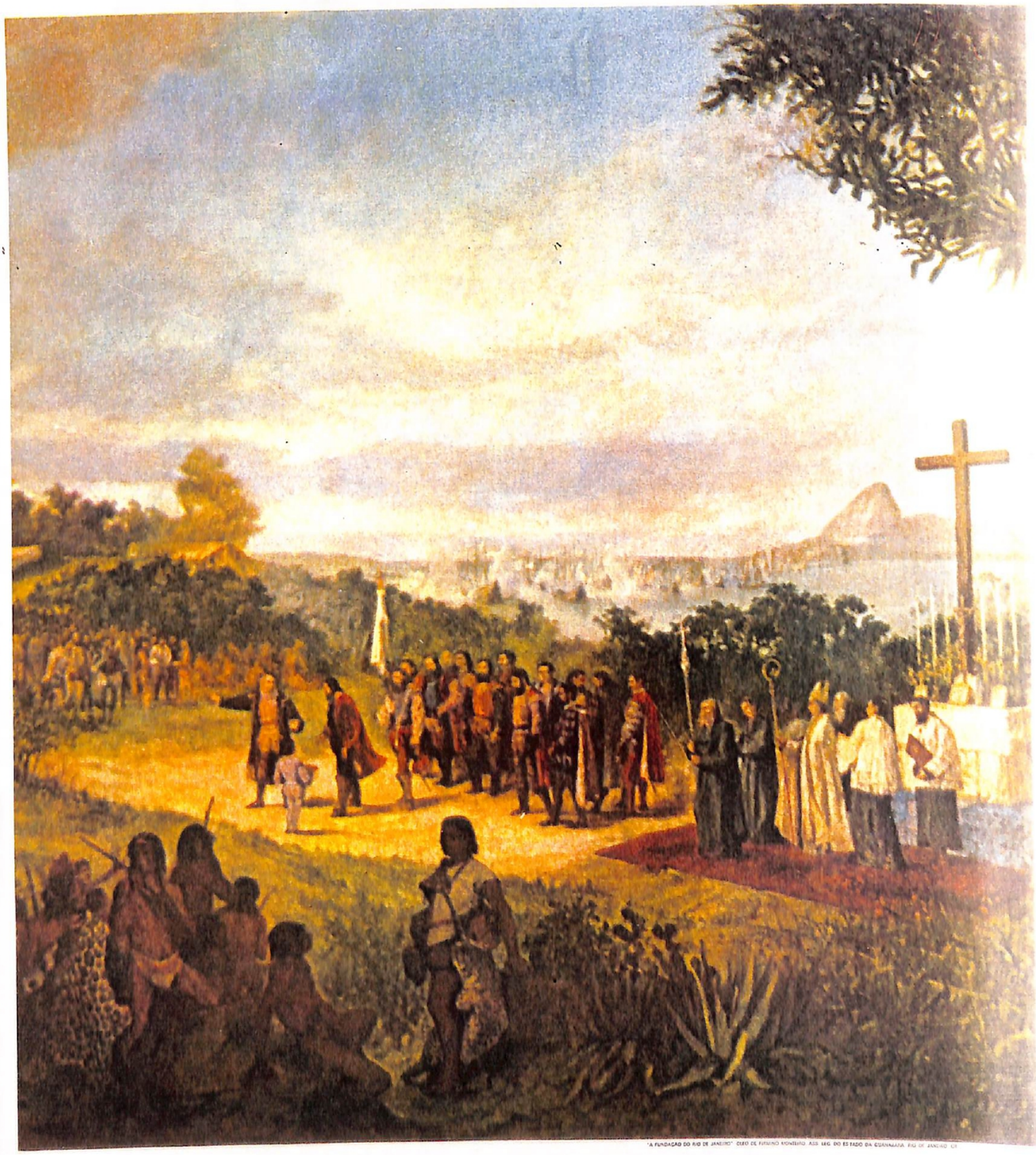


"ALMIRANTE COLIGNY". BIBLIOTECA PROTESTANTE. PARIS, FRANÇA.



"VILLEGAGNON ASSISTE A PRIMEIRA MISSA CELEBRADA NO RIO DE JANEIRO, EM 1555". MURAL DE CANDIDO PORTINARI. PANACEU SÃO JOAQUIM, RIO DE JANEIRO, RJ.

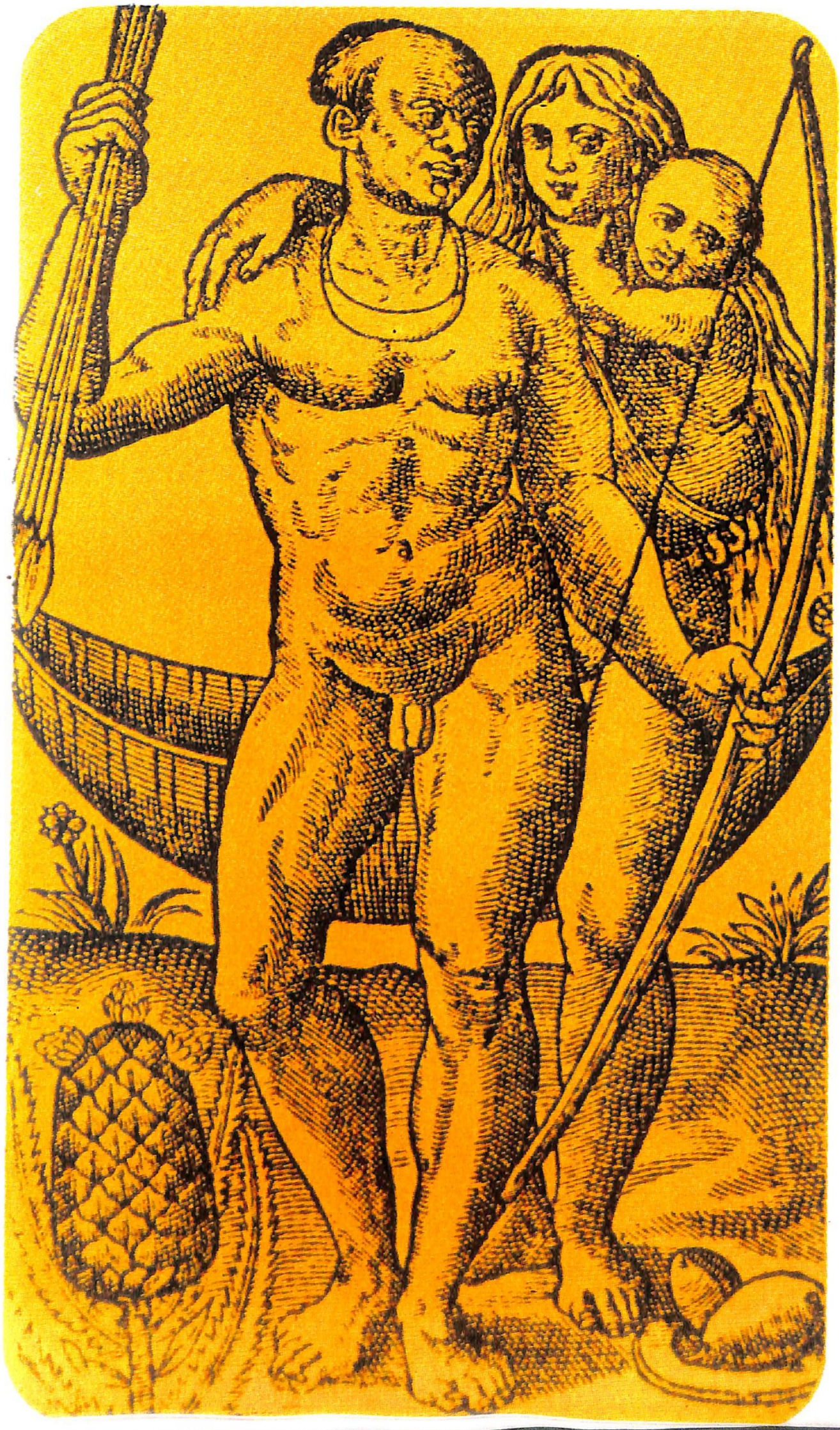




"A FUNDAÇÃO DO RIO DE JANEIRO" OLEO DE FIRMINO MONTEIRO. ASS. LEG. DO ESTADO DA GUANABARA. RIO DE JANEIRO GB







A DE ANJOS TUPINAMBÁS GRAVURA DE THEODORE DE BRY DO LIVRO DE JEAN DE LÉRY

"TRANSLADAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO" (DETALHE). ÓLEO DE ANTÔNIO PARREIRAS. MUSEU DA CIDADE. RIO DE JANEIRO, GB.









OBRAS DA FORTALEZA DE VILLEGAGNON (DETALHE). ESTUDO PARA PANORAMA DE VICTOR MEIRELLES. MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO, RJ.











SEGUNDO PROGRAMA PILOTO

HERÓIS DE TRÊS RAÇAS

Se na luta contra os invasores franceses foi fundamental a aliança de brancos com índios, e a atuação do primeiro herói autóctone do Brasil, Araribóia, a guerra contra os invasores holandeses faria surgir, na etnia brasileira, outro valoroso elemento: o Negro, completando, desta forma, o que se chamaria *raça brasileira.*

"A defesa do solo contra as invasões holandeses no norte e nordeste - escreveu Osório Duque-Estrada - tem já por móvel o amor da terra e o sentimento de solidariedade e de patriotismo, que hão de inspirar igualmente a resistência do Sul contra as várias tentativas de dominação espanhola".

A presença nas tropas de combate aos invasores holandeses de elementos das raças branca, negra e indígena foi um primeiro e admirável exemplo de solidariedade nacional ao heróico esforço de expulsão das tropas invasoras da Companhia das Índias Ocidentais.

IMAGEM Nº 1: O Negro, poderoso elemento formador da etnia brasileira.

IMAGEM Nº 2: Com os índios amigos, os portugueses formaram o ramo étnico dos mamelucos.

No livro "Aspirações Nacionais", o historiador José Honório Rodrigues escreve que "os auxílios que Pernambuco e o Nordeste receberam de todo o Brasil mostraram que se forjava um início de solda entre os vários elementos étnicos, e que começava a unidade nacional".

Nesta longa e sangrenta guerra nordestina de libertação dos holandeses foi primordial, como se sabe, a contribuição do Negro, fato ressaltado por Arthur Ramos no livro "O Negro na Civilização Brasileira":

"Nos começos do século 17 o Brasil sofreu a invasão holandesa. A princípio na Bahia e depois em Pernambuco. Em ambas, o Negro foi chamado a colaborar nas lutas de defesa e de expulsão. Citam-se episódios heróicos, na Bahia, como o daquele africano, Antônio, que, trepado num jenipapeiro com um saco de pedras, matava a pedradas os holandeses que chegavam ao alcance das seus petardos. O governador D. Francisco Rolim, em 1625, informou a El-rei Filipe III, do serviço que este africano prestara na guerra contra os holandeses. Antônio foi alforriado à custa da Fazenda Pública, e no lugar onde existia o jenipapeiro foi fundada a fortaleza de

Santo Antônio, em honra ao negro, que depois foi nomeado comandante da mesma fortaleza".

IMAGEM Nº 3: Fortaleza de Santo Antônio, Salvador.

Mais adiante, Arthur Ramos prossegue:

"Sobrevieram lutas memoráveis que se prolongaram pelo espaço de nove anos. Irrompendo a insurreição pernambucana de 1645, Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira tomaram a frente do movimento. E logo se reuniram a eles os cabos de guerra Camarão e Henrique Dias. Este último foi um negro famoso que, com os seus *terços* de homens de cor, organizou companhias de emboscada e bandeiras de assalto, que tanto deram que fazer aos holandeses".

Felipe Camarão organizou batalhões aguerridos de índios e teve uma extraordinária atuação na luta contra o invasor, aprisionando, como mostram as imagens, soldados e oficiais holandeses.

IMAGENS Nº4 e 5: Camarão e seus batalhões indígenas na luta contra os holandeses.

IMAGEM Nº 6: Vidal de Negreiros.
IMAGEM Nº 7: João Fernandes Vieira.

Rocha Pombo, em sua "História do Brasil", destaca o heróismo das tropas negras de resistência, escrevendo que "aquela grande figura de Henrique Dias, que tinha alma para comandar heróis, quanto não amargaria nos próprios momentos em que lutava por uma geração para a qual a cor era ainda estigma que não havia heroísmo e grandeza moral que lavassem".

"Ao lado de Camarão e de outros valentes cabos de guerra - volta a dizer Arthur Ramos - o negro Henrique Dias com seus homens, foi um elemento decisivo da vitória. E quando o próprio Portugal, que desejava um tratado de paz com os holandeses, condenava, por cartas e mensagens, a atitude dos insurretos pernambucanos, acoimando-os de desobedientes e determinando que o governador da Bahia reprimisse a insurreição e recolhesse os seus homens, Henrique Dias se revoltou e lançou um enérgico manifesto onde dizia:

IMAGEM Nº 8: Henrique Dias.

"Meus senhores holandeses: meu camarada, o Camarão, não está aqui, porém eu respondo por ambos. Saibam vossas mercês que Pernambuco é

pátria dele e minha pátria, e que já não podemos sofrer tanta ausência dela. Aqui, havemos de perder as vidas, ou havemos de deitar a vossas mercês fora dela; e ainda que o Governador-Geral e sua Majestade mesmo nos mandem retirar para a Bahia, primeiro que o façamos lhes havemos de responder e dar as razões que temos para não desistir desta guerra".

"E o grande chefe negro cumpriu sua palavra - conclui Arthur Ramos. Conduziu a guerra até o seu termo, com a expulsão dos holandeses de Pernambuco".

Também Euclides da Cunha exaltou a forte presença do elemento autóctone nos feitos e formação da raça nacional:

"Para vencermos a terra - escreve o autor de "Os Sertões" - houvemos de formar até o homem capaz de a combater, - criando-se à imagem dela com as suas rudezas e as suas energias revoltas -, por maneira a talhar-se no tipo mestiço e inteiramente novo do bandeirante, a figura excepcional do homem que se fez bárbaro para estradar o deserto, abrindo as primeiras trilhas do progresso".

Neste capítulo admirável da história do Brasil, a luta contra o invasor holandês, não se pode deixar de destacar, como esclareceu o historiador João Ribeiro, o fato da população, tanto da Bahia, como de Pernambuco, haver percebido "que era duvidosa por improficua a conveniência de hostilizar as autoridades holandesas em proveito das portuguesas, muito mais despóticas e cruéis".

"Portugueses em grande número, - assevera João Ribeiro - já não havendo esperanças mais, aceitaram o comércio dos holandeses, que sabiam bem intencionados".

IMAGEM Nº 9: A cidade Maurícia e Recife.

IMAGEM Nº 10: Recife e Olinda no tempo do domínio holandês.

IMAGEM Nº 11: Recife ao tempo dos holandeses.

Na verdade, proclamaram outros historiadores, a expulsão dos holandeses se deveu mais aos nativos - negros, mulatos, índios e mamelucos, do que aos próprios colonizadores lusitanos, como, aliás, fica claro neste trecho de Osório Duque-Estrada:

"Com a morte de Rojas y Borgia, reuniu o conde Bagnuolo todo o resto das forças pernambucanas, que orçavam apenas por 2.000 homens, e passou a incomodar os holandeses com o sistema de guerrilhas em que muito se distinguiram Felipe Camarão, o preto Henrique Dias, os capitães Rebelo e Souto e André Vidal de Negreiros".

"A verdade - completa João Ribeiro - é que essas guerrilhas por sua vez cometiam saques e depredações e, afinal, os amigos e os inimigos faziam grande mal à terra, talando e despovoando as fazendas, recorrendo à destruição de todas as utilidades.

"Foi então - completa João Ribeiro - o governo holandês em Pernambuco dirigido por um príncipe, Maurício de Nassau, modelo de justiça, tolerância, liberdade e talento político e militar".

IMAGEM Nº 12: Conde Johann Mauritius van Nassau. Governador do Brasil holandês.

IMAGEM Nº 13: Escritório da Companhia das Índias Ocidentais, em Amsterdam.

IMAGEM Nº 14: Nassau a cavalo.

Além dos generalizados elogios a Nassau, Governador estipendiado pela Companhia das Índias Ocidentais, criou-se no Brasil uma falsa idéia de que o domínio holandês, se vitorioso, seria proveitoso para o país.

Contra esta falsa idéia rebateu Rocha Pombo:

"Tem-se exagerado muito, não menos o que Nassau fez em Pernambuco, do que o muito que lucraria o Brasil se os hollandeses se tivessem fixado definitivamente na América oriental".

IMAGEM Nº 15: Sargento holandês com alabarda.

"Tinham entrado ali os usurpadores proclamando a liberdade dos escravos - continua Rocha Pombo - e não demorou que começassem a reescravizar os antigos cativos. O próprio Nassau chegou a contratar a captura de negros; e até tomara a precaução de apoderar-se de um porto africano como conveniente para a importação de *peças da Índia*".

IMAGEM Nº 16: Negros africanos trazidos e escravizados no Brasil.

IMAGEM Nº 17: Escravos amontoados nos porões dos navios.

"Chegara Nassau a Recife declarando que todos os cultos seriam livres; mas dentro em pouco bania os frades; proibia aos católicos o exercício público do seu culto; decretava que o clero católico de Pernambuco ficava independente do Bispo da Bahia; e foi até proibir a construção de igrejas sem licença formal do Sínodo.

"Este Sínodo constitui-se ali autoridade suprema em matéria de consciência. Os engenhos, que até então eram benzidos pelos padres

católicos, passavam agora a ser benzidos por ministros protestantes. Os casamentos também só podiam ser celebrados por pastores. É assim que os liberais flamengos entendiam a liberdade religiosa.

"Quanto aos índios, foram de má fé tão requintada que chega a causar mesmo "riso de nojo". E nem ao menos cuidaram de catequizar o mísero explorado. Os ministros protestantes tinham horror ao selvagem

"Na ordem econômica, tomou o príncipe a providência, primeiro de arrendar os engenhos dos que tinham emigrado, e depois, confiscou essas propriedades, arrecadando, assim, de pronto, uns 2 milhões de florins.

"Compreende-se que aí damos apenas umas linhas gerais que possam sugerir uma vaga idéia do que foi, sob os seus aspectos mais característicos, o regime que se integrou no tempo de Maurício de Nassau".

Desmonta-se, com estas palavras do grande historiador, o mito de que seria melhor para o Brasil se em vez de portugueses, os holandeses aqui ficassem definitivamente.

Este mito, felizmente, não existia na mente dos baianos, e nem dos pernambucanos, que lutaram com fantástica bravura contra o domínio bátavo em nossa terra.

IMAGEM Nº 18: Palácio das Torres, ou de Friburgo, residência de Nassau em Recife.

A insurreição pernambucana contra Nassau e suas tropas teve em Matias de Albuquerque o primeiro e grande organizador da resistência,contando também com a vigorosa participação, como se sabe, de André Vidal, que partiu para Pernambuco e, com "o pretexto de visitar a família na Paraíba, seguiu pelo interior, sublevou as populações e pôs-se logo em contato com João Fernandes Vieira, juntando-se en breve a ambos o índio Antônio Camarão e o preto Henrique Dias.

IMAGEM Nº 19: Matias de Albuquerque.

"A revolta foi deflagrada no dia 13 de junho de 1645, tomando os insurretos por divisa "Deus e Liberdade".

Começava, então, a derrocada final do domínio holandês no Brasil. E isto se deveu mais aos brasileiros, repetimos, do que aos portugueses.

Com a revolta, os invasores foram, de início, batidos na batalha do Monte das Tabocas e em outros encontros na várzea do Recife, em Porto Calvo, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. No ano seguinte (1648), Segismundo von Schkoppe, que comandava as tropas invasoras, foi derrotado em duas partidas, mas em 1647 conseguiu tomar a ilha de Itaparica e assolou o Recôncavo da Bahia.

"Com a chegada do general português Francisco Barreto, em janeiro de 1648, a situação mudou completamente. Em 19 de abril daquele ano, travou-se a primeira batalha dos Guararapes, em que Von Schkoppe, com 4.500 homens e seis peças de artilharia, foi completamente derrotado por forças muito inferiores, perdendo 470 mortos, 17 bandeiras, 523 feridos, muitos prisioneiros e 2 peças de artilharia"

Com a traição de Calabar, "um mameluco, ou mulato de Porto Calvo, sujeito muito conhecedor da terra, habilíssimo guerrilheiro", os holandeses se reanimaram passaram a fazer a guerra "com as mesmas vantagens com que a faziam os pernambucanos, e graças à perícia do traidor".

"A primeira façanha devido a Calabar - informa ainda Rocha Pombo - foi a tomada de Igaraçu (1° de maio de 1632). Alguns dias depois, dá-se uma nova investida holandesa ao Rio Formoso, apresando navios, talando engenhos, e destruindo o que não podiam conduzir. Não demorou que repetissem o ataque a uma posição que sabiam de primeira ordem para a gente da campanha.

"Este novo ataque a Rio Formoso - prossegue o historiador - é um dos episódios mais épicos daquelas guerras. Ali naquele reduto, dispondo apenas de dois canhões, vinte e um homens rebatem por quatro vezes aos assaltos de seiscentos inimigos; e estes só se apoderam da fortificação quando já não havia ali mais quem combatesse, pois o próprio comandante, Pedro de Albuquerque, estava por terra, ferido de um tiro de mosquete no peito".

Aquela foi época de importantes vitórias dos holandeses, que ampliaram consideravelmente seu domínio, ocupando a Paraíba e o Rio Grande do Norte. Vitórias, contudo, que não esmoreceram o ânimo, a bravura, o heroísmo dos brasileiros que, sob o comando de D. Luís de Rojas y Borja e, depois, do Conde de Bagnuolo, partiram de Alagoas e foram fortificar-se em Porto Calvo, de lá dominando todo o sul de Pernambuco.

Porto Calvo tornou-se, então, o centro de reação contra as forças inimigas. "Dali, para toda a campanha, volvem à atividade as antigas quadrilhas de assalto que eram o pavor dos flamengos, e que traziam em contínuas aflições todos os distritos por eles já senhoreados".

Chegando da Holanda, com plenos poderes e assumindo o comando das operações bélicas, Maurício de Nassau partiu para aniquilar os combatentes de Porto Calvo. "Destacou uns 600 homens para as guerrilhas, e foi, com 4.000, atacar aquela praça, a 19de fevereiro de 1637. Conquanto violento e tremendo, pouco durou o combate. Ali, foi, pela sexta vez, ferido Henrique Dias, levando-lhe agora a bala uma de suas mãos".

Mesmo mutilado, Henrique Dias recusou afastar-se do campo de batalha. E pronunciou então a frase histórica:

- "Não me afasto daqui! Resta-me um braço ainda para lutar por meu Deus e por meu Rei!"

Em Porto Calvo também Clara Camarão teve destacada atuação, lutando bravamente ao lado do marido, "a cavalo e armada de uma lança".

IMAGEM Nº 20: A valente índia Camarão.

A heróica resistência baiana, pernambucana e depois maranhense, livrou o Brasil de uma ocupação sob todos os aspectos desastrosa. Ocupação que durou quase 30 anos, e nada deixou de produtivo para o Brasil, além de alguns palácios, jardins e milhares de combatentes mortos na guerra de libertação.

"A vitória dos patriotas - afirma Rocha Pombo, foi para a obra de Portugal infinitamente mais fecunda, mais decisiva e de alcance mais vasto do que seria para o império flamengo o esmagamento de todo aquele heroísmo.

"E este justo orgulho dos que haviam resgatado a terra, muito longe de localizar-se na zona redimida, repercutiu em todo o país, e exalçou o ânimo geral das populações.

"Para isso, além do fato de que todas as colônias se sentiam afrontadas naquela humilhante intrusão, bastaria a circunstância de se haverem encontrado na campanha libertadora, voluntários de todas as outras capitanias, numa perfeita união e solidariedade contra a violência".

E o resultado de tudo isto, - valentia, audácia, amor à pátria, união de raças na luta contra os invasores - foi Guararapes, uma das mais heróicas e admiráveis páginas da História do Brasil (1648), que Victor Meireles fixou em quadro magistral.

IMAGEM Nº 21: "Batalha de Guararapes", de Victor Meireles (Museu Nacional de Belas Artes).

IMAGENS Nº 22: Cenas retiradas do filme de longa-metragem "A Batalha de Guararapes", de Paulo Thiago.

"Os heróis eram aclamados por toda parte. As grandes figuras de Vieira, Vidal, Henrique Dias, os Camarões, Francisco Barreto, Dias Cardoso, Francisco Rebelo, os Barbalhos, e tantos e tantos, andavam vivas no entusiasmo de todos".

Foram grandes heróis, grandes brasileiros, grandes combatentes. E, acima de tudo, deram um admirável exemplo de audácia e

confraternização racial. O povo brasileiro, na verdade, se cristalizou a partir daquela insurreição contra um invasor mais forte, mais rico e melhor organizado do que os franceses da *França Antártica*.

Naquela guerra, finalmente, forjaram-se os primeiros e corajosos heróis das três raças que, misturando-se no sangue e no espírito, mantiveram a chama do patriotismo que iria derrotar todas as tentativas de conquista de nosso território.

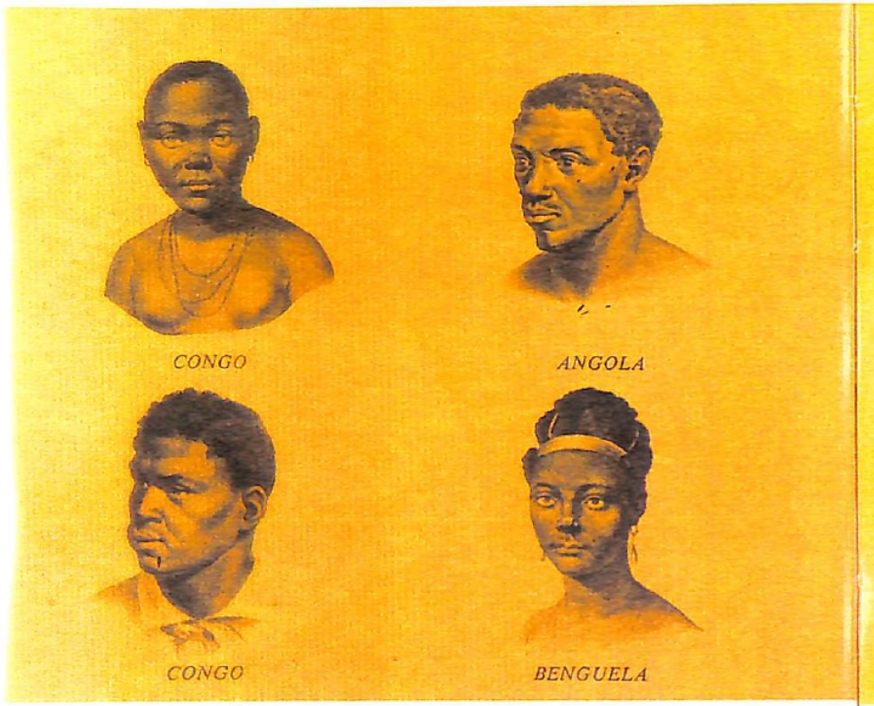
ENTREVISTA E DOCUMENTAÇÃO SUPLEMENTAR

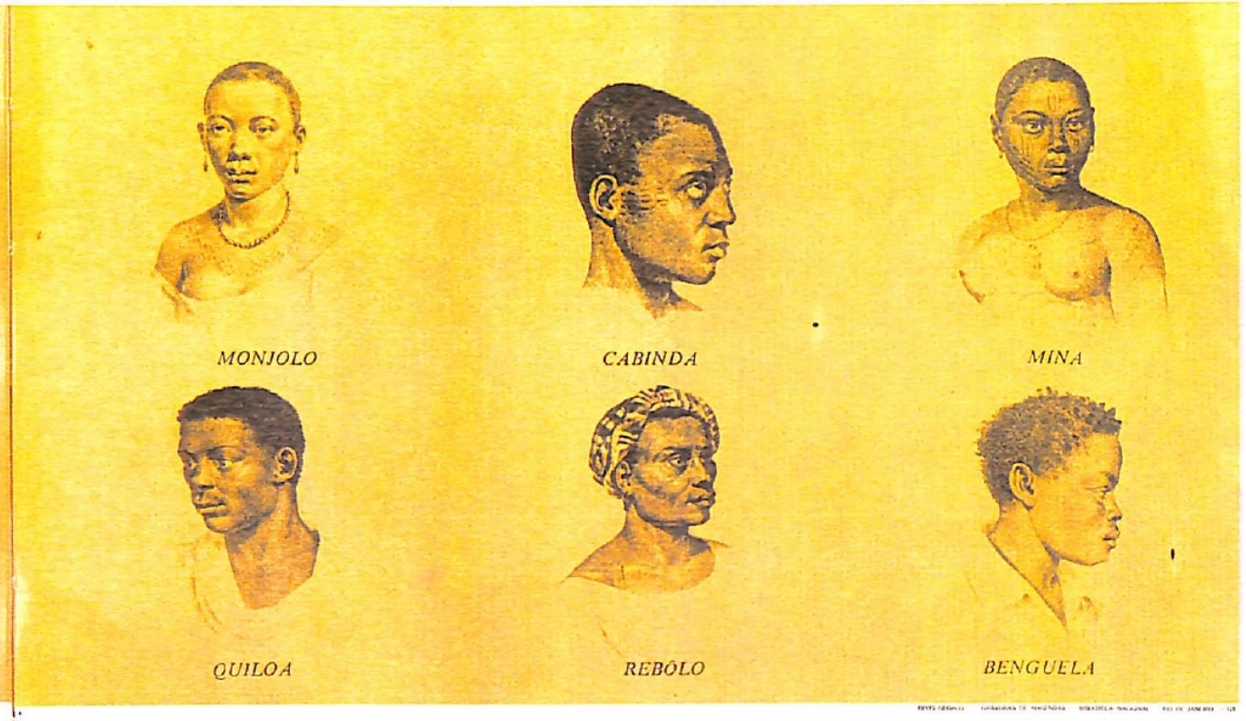
Além das gravuras que ilustrarão o texto deste programa, relacionados a seguir, a produção de **HERÓIS DE NOSSA HISTÓRIA** também providenciará a gravação de uma entrevista, ao vivo, com o historiador pernambucano Amaro Quintas, professor do Colégio Estadual do Recife.

Também estão previstas gravações em museus da Bahia e Pernambuco, com a filmagem do acervo referente às invasões holandesas, bem como, finalmente, de locais onde elas ocorreram, como, por exemplo, a região de Guararapes, Recife e Olinda.



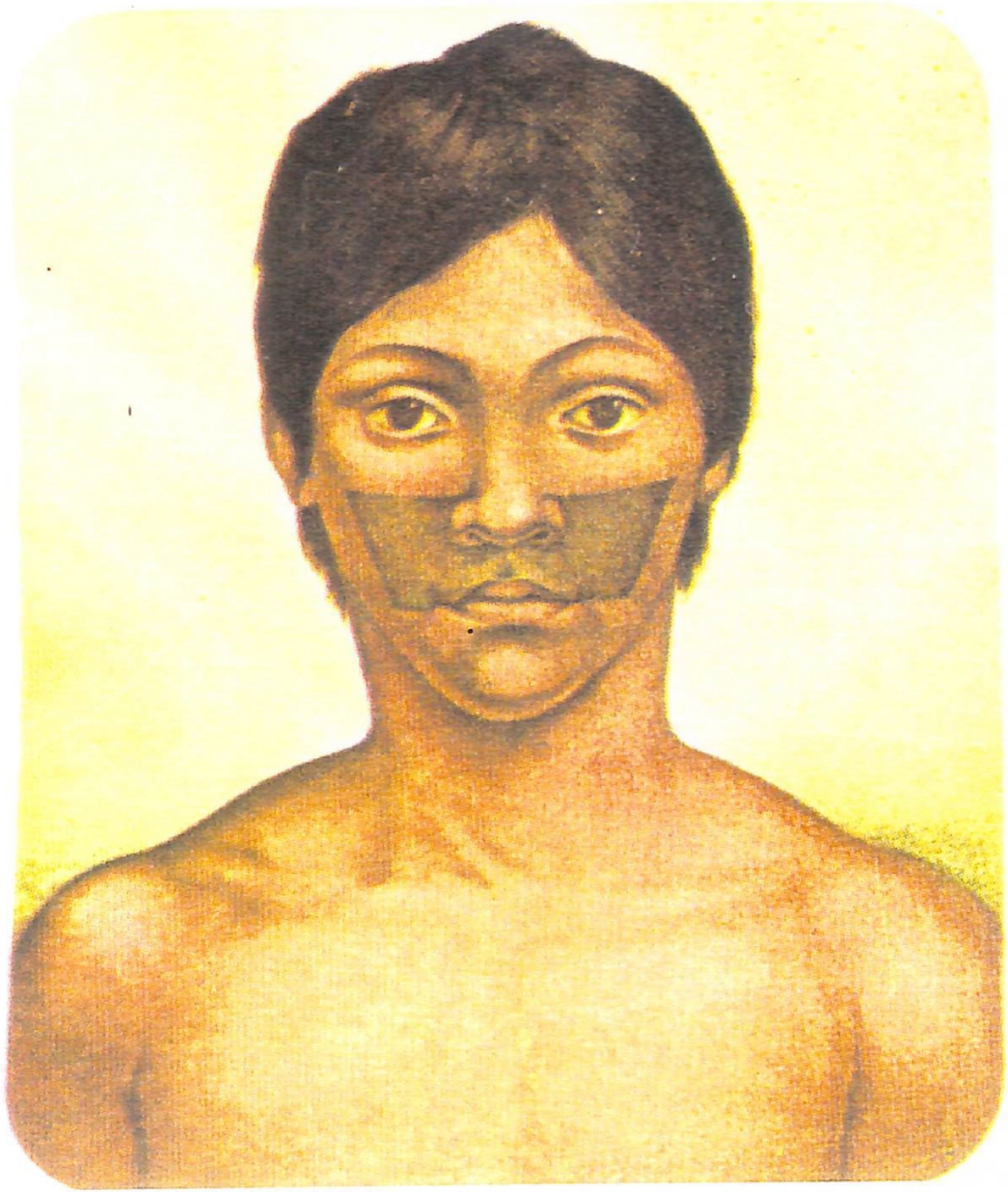
O NEGRO FOI INTRODUZIDO NO BRASIL COMO MÃO-DE-OBRA ESCRAVA PARA A LAVOURA AÇUCAREIRA DO NORDESTE, DESLOCANDO-SE DESDE O FIM DO SÉCULO XVII TAMBÉM PARA OUTRAS REGIÕES. ORIGINÁRIOS DE PONTOS DIVERSOS DA COSTA AFRI





neiros querem produzir cada vez mais

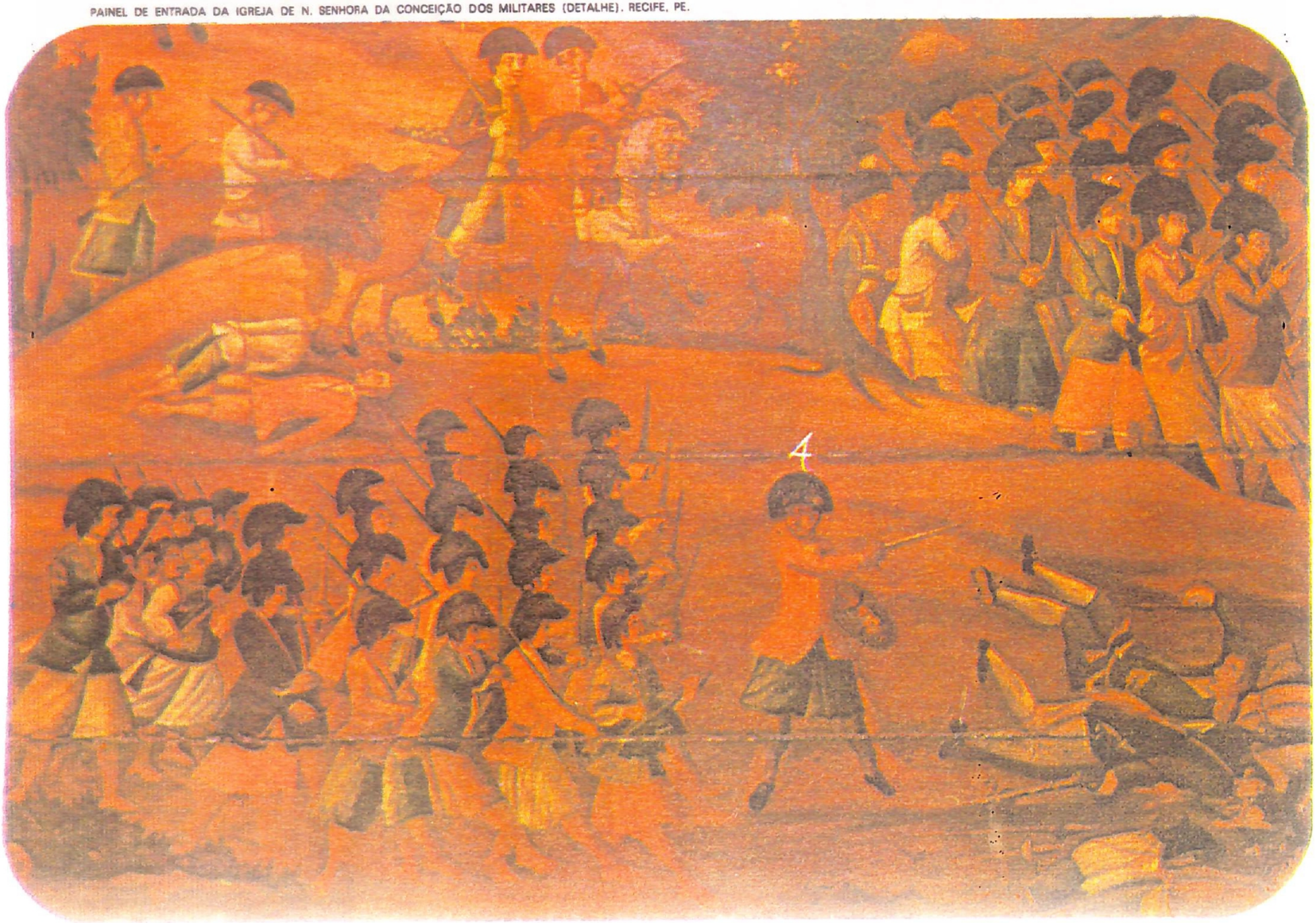
Os escravos negros do Congo, Angola,







PAINEL DE ENTRADA DA IGREJA DE N. SENHORA DA CONCEIÇÃO DOS MILITARES (DETALHE). RECIFE, PE.





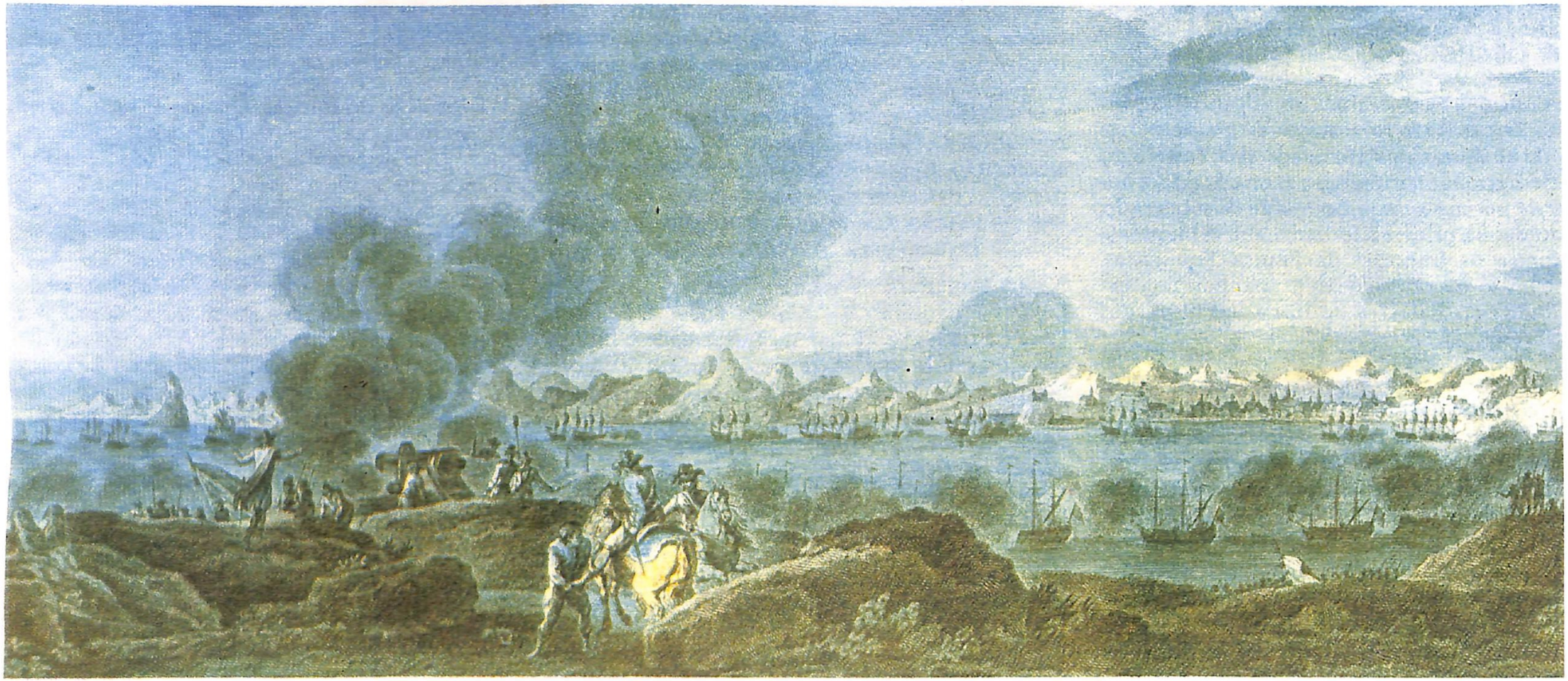




"JOÃO FERNANDES VIEIRA". ÓLEO DE ANÔNIMO. INST. ARQUEOL., HIST. E GEOG. PERNAMBUCANO. RECIFE, PE.









"NASSAU". ÓLEO DE ANÔNIMO. COLEÇÃO J. DE SOUSA LEÃO. RIO DE JANEIRO. GB.



Retrato do Conde João Mauricio de Nassau-Siegen

"ESCRITORIO DA COMPANHIA DAS INDIAS OCIDENTAIS, EM AMSTERDAM". GRAVURA DE P. SCHENCK. COLECAO J. DE SOUSA LEAO. RIO DE JANEIRO, GB.

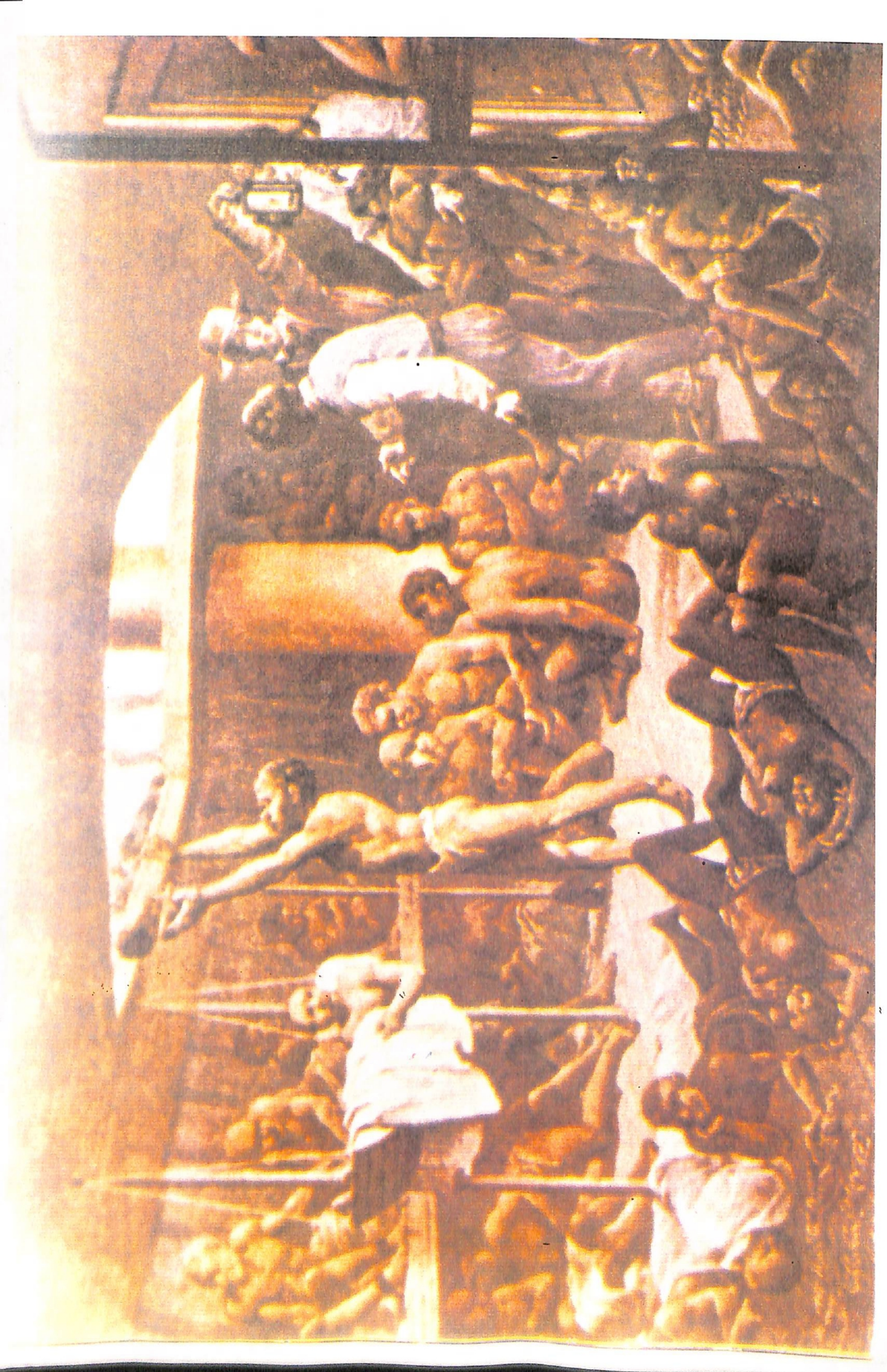


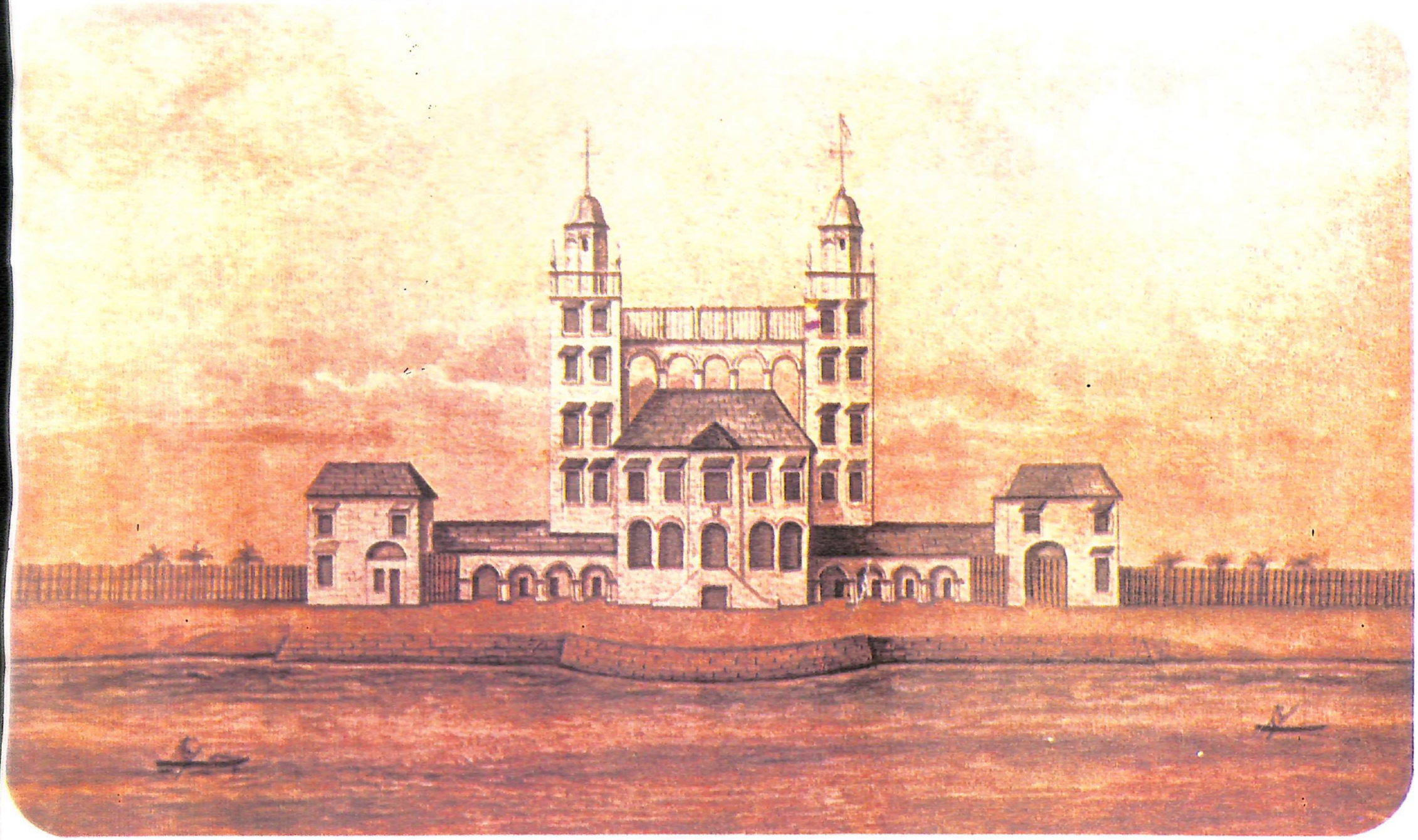


"JOÃO MAURÍCIO A CAVALO" GRAVURA ANÔNIMA. EXP. DOS PINTORES DE NASSAU. MAM/68. RIO DE JANEIRO, GB.













CLARA CAMARÃO

G. Minas Produções Audiovisuais Ltda.

PROJETOS DE SERIADOS CULTURAIS PARA TELEVISÃO

Apresentamos, nas páginas seguintes, cinco projetos de seriados culturais para Televisão, assim relacionados:

1. A TERCEIRA CIVILIZAÇÃO;
2. DOIS GÊNIOS EM DOIS SÉCULOS;
3. LUND E O PASSADO ARQUEOLÓGICO DE MINAS;
4. O RIO SÃO FRANCISCO;
5. CICLO DA MINERAÇÃO;
6. TESOUROS FOLCLÓRICOS DO BRASIL.

Projeto nº 1

A TERCEIRA CIVILIZAÇÃO

A tese de mestrado de uma professora de História da Arte da Universidade de Strasbourg revelou um fato extremamente honroso para o Brasil.

Após realizar viagens, estudos e pesquisas no continente americano, a professora francesa concluiu que as três Américas - Norte, Centro e Sul - deram ao mundo, em sua história, apenas três grandes civilizações: a dos **Maias e Aztecas,** no Norte e Centro; dos **Incas,** no Pacífico, e do **Barroco-Colonial Mineiro,** no Atlântico Sul.

Pode-se concluir que a importante tese da professora de Strasbourg se integra perfeitamente nos requisitos exigidos para a conceituação de **civilização**, que Edgar Sanderson, no livro *Outlines of the World's History* propõe:

"Civilização significa o conjunto de usos, costumes, crenças, opiniões, artes e ciências que constituem e caracterizam o estado social de um povo ou de uma raça. Possui a civilização, como o ser humano, espírito e matéria".

Jacques Maritain, por sua vez, no livro "Humanismo Integral", emprega **cultura e civilização** como noções sinônimas, afirmando:

"Diremos que a cultura ou a civilização é a expansão da vida propriamente humana, no que diz respeito não somente ao desenvolvimento material, mas também, a antes de tudo, ao desenvolvimento moral, ao desenvolvimento das atividades especulativas e das atividades práticas (artísticas e éticas), que merecem mais propriamente a denominação de *desenvolvimento humano".*

As três civilizações que floresceram no continente americano integram-se, na verdade, aos conceitos assinalados por Sanderson, Maritain, a professora de Strasbourg e outros historiadores, filósofos e humanistas.

Para se conhecer esses requisitos, basta visitar os maravilhosos sítios arqueológicos de Uxmál, Palenquê, Mayapán, Potonchán, Tenoctitlán, Ikál e Uaxactun, no México, Guatemala e Honduras, ou os magníficos monumentos deixados pelos Incas em Tiahuanaco e Cuzco, na América do Sul.

O que levou a professora francesa a eleger o Barroco Mineiro à culminância de **Terceira Civilização,** foi, evidentemente, o conhecimento que tivera do extraordinário acervo de edificações, monumentos, igrejas, estatuária, pintura, mobiliário, decoração, literatura e música produzidos no

Brasil, mais precisamente em Minas Gerais, no século dezoito, a partir da descoberta de ouro e diamantes, além, principalmente, da surpresa que sentiu ao conhecer as obras de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Este admirável acervo, que hoje constitui Patrimônio Cultural da Humanidade, encontra-se, felizmente, presevado, não tendo sofrido, como as obras portentosas dos Maias, Aztecas e Incas, a fúria predatória dos colonizadores.

Isto é fácil de constatar-se quando se visita as cidades de Ouro Preto, Mariana, Diamantina, São João del Rei, Congonhas do Campo, Sabará, Caeté, etc., apreciando-se a arte barroca transplantada para o Brasil e, em Minas Gerais, elevada "a uma das expressões mais originais da arte brasileira e univesal", como afirmou Jaime Cortesão.

Estas são os fundamentos preliminares deste projeto de seriado cultural que temos o prazer de encaminhar ao exame da rede nacional de Televisão Educativa e Cultural, agora beneficiada pela recente legislação de incentivo fiscal, assinada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso.

A TERCEIRA CIVILIZAÇÃO

Seriado em 6 capítulos

1. Américas do Norte e Centro: a Civilização dos Maias e Aztecas;
2. O Império Azteca no México;
3. Os Maias na Guatemala e Honduras;
4. A civilização dos Incas na América do Sul;
5. O Barroco-Colonial em Minas Gerais: Arquitetura, Edificações, Escultura, Pintura, Música e Literatura;
6. Obras-primas do Barroco-Colonial Mineiro: Ataíde e Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

TEMPO DE DURAÇÃO DE CADA CAPÍTULO: 25 MINUTOS

Projeto nº 1

A TERCEIRA CIVILIZAÇÃO

Orçamento Discriminado

1. PESQUISA E ROTEIRO ..... R$4.000,00

2. DIREÇÃO..... R$6..000,00

3. PRODUTOR-EXECUTIVO ..... R$4.000,00

4. DIRETOR DE FOTOGRAFIA E CÂMERA..... R$4.000,00

5. EDITOR..... R$3.000,00

6. COMPUTAÇÃO GRÁFICA..... R$2.000,00

7. ESCANEAMENTO DE FOTOS..... R$2.000,00

8. IMAGENS DE ARQUIVO ..... R$2.000,00

9. LOCUÇÃO ..... R$3.000,00

10.EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO..... R$4.000,00

11.MATERIAL VIRGEM..... R$1.000,00

12.VIAGENS E HOSPEDAGEM ..... R$5.000,00

13.VEÍCULOS E TRANSPORTE ..... R$3.000,00

14. EQUIPA TÉCNICA..... R$5.000,00

15. DESPESAS DE PRODUÇÃO ..... R$5.000,00
16. ADMINISTRAÇÃO ..... R$3.000,00
17. SUB-TOTAL I ..... R$55.000,00
18. TAXA DE IMPREVISTOS - 5% - ..... R$2.750,00
19. SUB-TOTAL II ..... R$57.750,00
20. TAXA DA PRODUTORA - 10% - ..... R$5.775,00

21. T O T A L G E R A L ..... R$63.525,00
(Sessenta e três mil, quinhentos e vinte e cinco reais);

Projeto nº 2

DOIS GÊNIOS EM DOIS SÉCULOS

Os séculos XIX e XX produziram, na Literatura Brasileira, dois gênios admiráveis: Machado de Assis e Guimarães Rosa.

O primeiro, mulato, de origem humilde, nasceu e criou-se na cidade do Rio de Janeiro, que retratatou magistralmente em sua obra. Fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis encheu de glória as letras nacionais do século dezenove, com diversos de seus contos e romances traduzidos em várias idiomas estrangeiros.

João Guimarães Rosa, por sua vez, nasceu na cidade de Cordisburgo, filho de pequeno comerciante e, desde a infância, manteve contato com a vida rural mineira, percorrendo, inclusive, o sertão que, posteriormente, transfiguraria em contos, novelas e, principalmente, nesta obra-prima, a mais importante do século vinte, "Grande Sertão: Veredas".

Este seriado cultural, que, agora, submetemos à apreciação da rede nacional de Televisão Educativa, objetiva traçar o paralelo literário, histórico, social e humano desses dois maravilhosos criadores que o Rio de Janeiro e Minas Gerais produziram e imortalizaram.

DOIS GÊNIOS EM DOIS SÉCULOS

Seriado em 6 capítulos

1. O século XIX e a Literatura Brasileira;
2. Rio de Janeiro e Petrópolis na temática machadiana;
3. A sofrida infância e a gloriosa velhice de Machado de Assis;
4. Nascimento, infância e formação cultural de Guimarães Rosa;
5. O sertão e sua forte presença inspiradora na obra de João Guimarães Rosa;
6. Machado de Assis e Guimarães Rosa: paralelismo e análise crítica, humana, psicológica e literária dos dois grandes escritores.

TEMPO DE DURAÇÃO DE CADA CAPÍTULO: 25 MINUTOS.

Projeto nº 2

DOIS GÊNIOS EM DOIS SÉCULOS

Orçamento Discriminado

1. PESQUISA E ROTEIRO	
Geraldo Santos Pereira	4.000,00
Co-Roteirista: Renato Santos Pereira	3.000,00
2. DIRETOR: Geraldo Santos Pereira	6.000,00
Co-Diretor: Renato Santos Pereira	4.000,00
3. .PRODUTOR-EXECUTIVO: Murillo Moreira Jr.	4.000,00
4. DIRETOR DE FOTOGRAFIA E CÂMERA	
Marcos V.F. Carvalho	3.000,00
5. ASSISTENTE DE CÂMERA	1.000,00
6. EDITOR E ILHA DE EDIÇÃO: Marcos Carvalho	2.500,00
7. COMPUTAÇÃO GRÁFICA	1.000,00
8. ESCANEAMENTO DE FOTOS	2.000,00
9. IMAGENS DE ARQUIVO	3.000,00
10.LOCUTOR	2.500,00
11 VERBA DE PRODUÇÃO	1.000,00
12.EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO	2.500,00
13.MATERIAL VIRGEM	400,00
14.HOSPEDAGEM	2.500,00
15.ALIMENTAÇÃO	1.500,00
16.TRANSPORTE	2.000,00
17.ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO	1.000,00
18.SUB-TOTAL I	46.860,00
19.TAXA DE IMPREVISTOS (5%)	2.343,00
20.SUB-TOTAL II	49.203,00
21.TAXA DA PRODUTORA (10%)	4.920,00
22. T O T A L G E R A L	54.123,00

(Cinqüenta e quatro mil, cento e vinte e três centavos).

Belo Horizonte, 13 de março de 1996

Geraldo Santos Pereira

Projeto nº 3

LUND E O PASSADO ARQUEOLÓGICO DE MINAS

Este projeto videográfico, dividido em 8 partes, ou capítulos, com 25 minutos de duração cada um, destina-se a divulgar no poderoso veículo da Televisão, a extraordinária contribuição do sábio dinamarquês Peter Wilhelm Lund ao conhecimento dos primitivos habitantes do Brasil e da América, conhecidos em todo o mundo como "Homem da Lagoa Santa".

Em linhas sumárias, este seriado conterá as seguintes partes:

1. A primeira delas se abre com imagens, de belo efeito fotográfico, das principais grutas, lapas e cavernas de Minas Gerais, detalhando-se, inclusive, fósseis encontrados por Lund na Lagoa Santa e Confins.

O narrador fará, então, uma síntese biográfica do grande naturalista Peter Wilhelm Lund, nascido em Copenhague dia 14 de junho de 1801 e falecido em Lagoa Santa, Minas Gerais, dia 5 de maio de 1880, tendo chegado ao Brasil em 1825.

O grande arqueólogo fixou residência, inicialmente, na aldeia de pescadores de Itaipu, onde organizou coleções botânicas e ictiológicas, percorrendo depois os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás e Minas Gerais, estudando a flora e fauna locais, após o que, finalmente, alcançou projeção internacional com as importantíssimas descobertas arqueológicas que realizou em Minas, mais precisamente na região da Lagoa Santa.

2. A partir da repetição, pelo Narrador, da frase famosa de João Guimarães Rosa, *"O Mineiro é Velhíssimo"*, câmera detalhará crânio e mandíbula de indivíduo masculino do "Homem da Lagoa Santa", em Confins, ali fixado, segundo os estudos de Lund, há mais de 15.000 anos, o que justifica, portanto, a definição bem-humorada do grande escritor de Cordisburgo.

3. A terceira parte do seriado exibirá diversos e valiosos achados arqueológicos e palentológicos de Lund, Aníabal Matos e outros cientistas brasileiros, além do homem fóssil, o primeiro da América do Sul, localizado na Lapa Vermelha, situada a poucos quilômetros de Lagoa Santa.

Também serão mostrados, neste capítulo, os esqueletos encontrados por Lund numa gruta da Lagoa do Sumidouro, no atual município de Pedro Leopoldo, e que o cientista interpretou como sendo contemporâneo da fauna extinta, chegando à conclusão de que o homem primitivo da região, mais tarde conhecido como "Homem de Lagoa Santa", seria "antediluviano", isto é, anterior à "última revolução do globo".

O Narrador lerá, então, o comentário do professor Cástor Cartelle, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, colhido no livro "Tempo Passado - Mamíferos do Plestoceno em Minas Gerais":

"A interpretação de Peter Wilhelm Lund era uma novidade surpreendente, que ia de encontro às idéias vigentes entre os cientistas do Velho Mundo: o homem "antediluviano" nunca poderia ter existido na América".

4. Neste novo capítulo serão registradas imagens de outras belíssimas grutas e cavernas de Minas Gerais, inclusive Cerca Grande, em Matozinhos; "Rei do Mato, em Sete Lagoas; Lapa do Sumidouro, em Pedro Leopoldo e, mais detalhadamente, a belíssima Gruta de Maquiné, em Cordisburgo, onde, a certa altura, será focalizado o local exato onde trabalhou e dormiu o sábio dinamarquês.

5. Nesta quinta parte será introduzida uma entrevista do paleontólogo e professor Cástor Cartelle, que falará sobre as grandes descobertas de Peter Wilhelm Lund e as pesquisas científicas, antigas e contemporâneas, da Arqueologia e Paleontologia no Brasil e em Minas Gerais.

A entrevista do professor Cartelle será ilustrada com imagens de Lund no Brasil e na Dinamarca, além de fotos da paleontologia mineira.

6. O novo capítulo registrará uma entrevista especial do Ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil, professor José Israel Vargas, que enfatizará a inestimável contribuição de Lund para o conhecimento arqueológico do Brasil e, particularmente, de Minas Gerais.

O Ministro José Israel Vargas também fará referência aos esqueletos dos habitantes mais primitivos do Brasil, os do "Homem de Lagoa Santa", encontrados no maciço calcário de Cerca Grande, e que teriam, aproximadamente, de 10 a 15 mil anos, segundo dados feitos pelo método do radiocarbono (carbono 14). A entrevista se concluirá com a afirmação de que o maciço de Cerca Grande é tão importante como o da Gruta de Lascaux, na França.

7. Dando novo embasamento histórico e científico ao documentário, aqui sintetizado, câmera registrará aspectos da região da Lagoa Santa e do Vale do Rio São Francisco, até próximo ao Sul da Bahia, quando o Narrador explicará:

"A origem das numerosas e extraordinárias grutas calcáreas de Minas Gerais, repletas de cristais e desenhos rupestres que abrigaram culturas desconhecidas, indicam ter havido naquela região, há 600 milhões de anos, aproximadamente, no início do *cambriano* (período antigo do paleozóico, sendo Câmbria o nome celta de Walles, na Inglaterra), quando a vida apenas

começava - um mar fechado e raso que cobria parte da bacia do São Francisco e que acabou secando.

"Devido a processos químicos, o carbonato de cálcio dissolvido na águja foi se depositando no fundo do lugar ocupado pelo mar. As montanhas de calcário que, posteriormente, foram sendo infiltradas pelas águas, sofreram intensa dissolução, dando origem às inúmeras grutas de Minas Gerais.

"O *Mar de Bambuí,* como é conhecido, alcançaria extensa região chamada "cárcica" (Karst: parte dos Alpes de formação calcária semelhante, na fronteira ítalo-iugoslava); começa na área da Lagoa Santa e se estende por quase todo o vale do Rio São Francisco, atingindo o Sul da Bahia".

Neste capítulo serão registradas belas e sugestivas imagens do vale e do Rio São Francisco, com seu rico e pitoresco artesanato, notadamente as famosas "carrancas do São Francisco", que tanto encantaram o poeta Pablo Neruda.

8. O último capítulo do seriado conterá imagens iconográficas de Lund e seu colega, também dinamarquês, Eugênio Warming, mostrando, inclusive, a casa onde Lund residiu em Minas Gerais e o local onde está enterrado.

O Narrador, neste capítulo final do seriado, relatará as últimas recomendações feitas por Lund, que teria dado uma gratificação ao coveiro, mandando-o realizar rapidamente o serviço fúnebre, para o qual teria, ele próprio, convidado toda a população.

"Para garantir esse clima - informa o professor Aníbal Matos - deveria estar presente, tocando músicas alegres, a banda que ele fundou no arraial e que até hoje desfila seus dobrados". (Neste ponto, ouvir-se-á na trilha sonora um "dobrado" típico, executado por uma banda de música de pequena cidade do interior mineiro.

O texto a ser lido pelo Narrador repetirá as palavras do professor Cástor Cartelle, sobre as últimas recomendações de Lund:

"Se tais fatos são reais, preferimos vê-los não como produto de excentricidade, mas como conseqüência lógica de sua fé cristã firme e inabalável. Se Lund celebrizou Lagoa Santa, esta corresponde ao considerá-lo seu mais ilustre filho, de memória permanente".

TEMPO DE DURAÇÃO DE CADA CAPÍTULO: 25 MINUTOS.

Projeto nº 3

LUND E O PASSADO ARQUEOLÓGICO DE MINAS

Orçamento Discriminado

1. PESQUISA E ROTEIRO
   Geraldo Santos Pereira.....4.000,00
   .Renato Santos Pereira.....3.000,00
2. DIRETOR: Geraldo Santos Pereira.....6.000,00
3. CO-DIRETOR: Renato Santos Pereira 4.000,00
4. PRODUTOR-EXECUTIVO: Murillo Moreira Jr.....4.000,00
5. DIRETOR DE FOTOGRAFIA E CÂMERA
   Marcos V.F. Carvalho 3.000,00
6. ASSISTENTE DE CÂMERA 1.000,00
6. EDITOR E ILHA DE EDIÇÃO 2.500,00
7. COMPUTAÇÃO GRÁFICA.....1.000,00
8. ESCANEAMENTO DE FOTOS.....2.000,00
9. IMAGENS DE ARQUIVO 3.000,00
10. LOCUTOR.....2.500,00
11. VERBA DE PRODUÇÃO 1.000,00
12. EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO.....2.500,00
13. MATERIAL VIRGEM.....500,00
14. HOSPEDAGEM 2.400,00
15. ALIMENTAÇÃO.....1.500,00
16. TRANSPORTE.....2.000,00
17. ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....1.000,00
18. SUB-TOTAL I 46.860,00
19. TAXA DE IMPREVISTOS (5%).....2.343,00
20. SUB-TOTAL II.....49.203,00
21. TAXA DA PRODUTORA (10%).....4.920,00

22. T O T A L G E R A L.....54.123,00

(Cinqüenta e quatro mil, cento e vinte e três reais)

Belo Horizonte, 15 de março de 1995

Geraldo Santos Pereira

Projeto nº 4

O RIO SÃO FRANCISCO

Este é o projeto de um seriado videográfico sobre o São Francisco, o "Rio da Unidade Nacional,"Caminho da Civilização Brasileira", como o definiu João Ribeiro.

O seriado conterá as seguintes partes:

1. A primeira registrará o curso superior do São Francisco e de alguns de seus afluentes,e que se encontram, como se sabe, no que se chama de "coração" de Minas Gerais.

As águas do grande rio, rumando para a região nordestina, percorrem a *Depressão Sanfranciscana,* "com seus terrenos sedimentares muito antigos (paleozóicos) e numa altitude média de 400 a 500 metros acima do nível do mar.

2. O seriado registrará, em seguida, a paisagem geográfica do São Francisco, mostrando, na busca de uma visão de conjunto, o caminho do grande rio, descendo a Serra da Canastra, "rolando suas águas entre dois paredões que lhe delimitam a calha estreita e, depois de correr na direção do norte, desviando bruscamente para Leste, em demanda do mar".

"A muralha oriental da bacia sanfranciscana - constata M. Cavalcanti Proença no livro "Ribeira do São Francisco" - é constituída pelas linhas de elevações formadoras da Serra do Espinhaço, que finda na depressão do Paramirim, além da qual prossegue a Chapada Diamantina até o Rio Salitre, para daí continuar, já em plena inflexão do curso do rio, pelas elevações da Serra da Jacobina e, a seguir, pelo planalto nordeste da Bahia".

"A região montanhosa que recebe o nome de "quadrilátero central", em Minas Gerais - prossegue Cavalcanti Proença - incluindo em seus limites Belo Horizonte, Santa Bárbara, Queluz e Ouro Preto, é das mais importantes para o estudo hidrográfico do Brasil. Destas encostas e ondulações nascem as águas que vão formar o Rio Doce e o São Francisco".

3. No terceiro capítulo será feita uma síntese histórica e econômica do São Francisco, enfatizando-se as três culturas básicas que floresceram ao longo do rio, citadas por Domingos Diniz: "a cultura do boi, do couro na penetração do São Francisco, a partir da Bahia e de Pernambuco; a cultura das barcas e, finalmente, a cultura barranqueira, rudimentar, integrando-se à cultura urbana, industrial, de massa".

4. Após registrar aspectos geográficos e econômicos do São Francisco, o seriado abordará, nesta quarta parte, os fatores climáticos da região abrangida pelo rio, fixando imagens da quente região estudada por Cavalcanti Proença:

"Não se pode afirmar que não tem fundamento a opinião dos que malsinam o calor, que afinal é menos intenso que em determinadas regiões nordestinas de clima equatorial. Somente a região litorênea da bacia pode ser incluída na faixa que balisa a isotérmica de 25 graus".

5. No capítulo quinto do seriado será documentada a cidade de Pirapora, fixando-se a atividade de pescadores, aspectos urbanos, restaurantes típicos, onde o famoso Surubim é quase um símbolo da região.

Nesta parte, além de aspectos urbanos, turísticos e arquitetônicos de Pirapora, o vídeo destacará aspectos sociais e antropológicos da população, com base nas palavras do Narrador, que dirá:

"Na extensa área que inclui as cidades de Pirapora, Montes Claros, Januária e São Francisco - como informa Aroldo de Azevedo - vive o *caboclo sanfranciscano,* em tudo semelhante ao caboclo do Nordeste, no tipo físico, no linguajar, nos hábitos alimentares, no modo de vida, diferente de outros habitantes encontrados em Minas Gerais.

"Para ele - prossegue Aroldo de Azevedo - (a exemplo do que acontece com os que habitam o trecho nordestino), o Rio São Francisco é um velho amigo - *o Chico*, e as terras que banha, como as drenadas pelos tributários, constituem um "mundo" à parte, o seu pequeno "mundo", dentro do qual Januária, São Francisco ou Pirapora, têm maior importância do que Belo Horizonte, Brasília, São Paulo ou Rio de Janeiro".

6. Na sexta parte do documentário, que se poderia denominar de **Gente do Rio,** câmera focalizará, preferencialmente, a atividade dos populares pescadores e transportadores do São Francisco, fixando imagens de canoas, barcas e barcaças de maior dimensão, fazendo o transporte de mercadorias, ou conduzindo o sanfranciscano para as pescarias essenciais de sua subsistência, conforme ensina Cavalcanti Proença:

"A pesca absorve a outra metade das atividades do barranqueiro. Os métodos de pesca não diferem essencialmente dos usados em outros rios do Brasil, incluindo a igaratéia, a linha de varejo, o espinhél e a tarrafa, além das tradicionais armadilhas de taquara, comuns a todas as regiões de pescadores".

7. O novo capítulo do seriado mostrará aspectos característicos do folclore e artesanato sanfranciscano, com ênfase especial para as famosas **carrancas,** célebres no Brasil e no exterior.

Ao documentar a curiosa confecção das carrancas, o Narrador lerá trechos do livro "Carrancas do São Francisco", escrito pelo maior estudioso e colecionador brasileiro, Paulo Pardal:

"As famosas carrancas do Rio São Francisco constituem um enigma de nossa arte popular, na qual ocupam um lugar de especial destaque, tanto pela notável expressão artística, como, principalmente, por sua dupla originalidade".

Durante a gravação do depoimento de Paulo Pardal, a ser realizada na cidade de Barra do São João, no estado do Rio de Janeiro, onde reside e conserva a maior coleção de carrancas do Brasil, surgirão imagens da fabricação e instalação das carrancas nas cidades ribeirinhas do São Francisco, ouvindo-se, em *voz off*, os esclarecimentos de Paulo Pardal:

"As barcas do São Francisco são as únicas embarcações populares de povos ocidentais que apresentaram, de modo generalizado, figuras de proa, pelo menos nos últimos séculos. E estas parecem constituir exemplo único no mundo de esculturas de proa zooantropomorfas. Ninguém sabe informar quando apareceram, nem de onde vieram, nem quantas eram".

8. Após penetrar no estado da Bahia, o documentário registrará imagens da cidade de Lapa do Bom Jesus, com sua igreja e as grandes romarias de fiéis de todo o Brasil. Em seguida, descendo o curso do rio, o seriado mostrará outras paisagens, locais e cidades ribeirinhas, como Barra, Pilão Arcado, Remanso, Joazeiro, Petrolina, além das corredeiras e trechos encachoeirados da região de Paulo Afonso, onde o São Francisco desce cerca de 190 metros até sua base.

O seriado se concluirá com as imagens das grandes obras de irrigação e a presença de imigrantes japoneses que desenvolvem projetos agrícolas às margens do São Francisco, com belas e extensas videiras e uma apreciada produção de vinhos, já exportados para diversos países.

O progresso que se manifesta na vasta região ribeirinha do São Francisco, não obscurecem, no entanto, a triste verdade social, enfatizada nas fortes palavras de M. Cavalcanti Proença, documentadas pela câmera ao fixar aspectos da grande e eternizada pobreza às margens do grande rio:

"As populações do São Francisco se distanciaram da civilização litorânea e ainda permanecem no mesmo sistema de pecuária e agricultura rudimentares que as colocam em situação de inferioridade manifesta. Outrora os seus campos permitiam abastecer de carne a incipiente população do Brasil dos primeiros tempos e, assim mesmo, nem sempre o fez a contento, de modo que não seria possível pensar em reviver naquela época".

E, mais adiante:

"O que não pode ser negado é a capacidade de trabalho e a resistência física dos caboclos sanfranciscanos e só, por absurdo, se poderia admitir que uma gente capaz de explorar seringa na Amazônia, lavrar café nas terras de São Paulo e fundar cidades nos garimpos do Mato Grosso, sofra uma anulação total de valor quando se trata da própria terra em que nasceu".

Projeto nº 4

O RIO SÃO FRANCISCO

Série em 8 capítulos de 28' cada

ORÇAMENTO DISCRIMINADO

1. PESQUISA E ROTEIRO:
Geraldo Santos Pereira..... R$5.000,00
Renato Santos Pereira.....3.000,00
2. DIRETOR: Geraldo Santos Pereira.....6.000,00
3. CO-DIRETOR: Renato Santos Pereira 4.000,00
4. PRODUTOR-EXECUTIVO
Murilo Moreira Jr. 5.000,00
5. DIRETOR DE FOTOGRAFIA E CÂMERA
Marcos V.F. Carvalho 4.000,00
6. ASSISTENTE DE CÂMERA 1.000,00
7. EDITOR E ILHA DE EDIÇÃO 3.000,00
8. COMPUTAÇÃO GRÁFICA.....1.500,00
9. ESCANEAMENTO DE FOTOS.....1.000,00
10.IMAGENS DE ARQUIVO 2.000,00
11.LOCUTOR.....3.000,00
12.VERBA DE PRODUÇÃO 1.000,00
13. EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO.....3.750,00
14.MATERIAL VIRGEM.....600,00
15.HOSPEDAGEM 4.500,00
16.ALIMENTAÇÃO.....2.700,00
17.TRANSPORTE.....2.200,00
18.ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....1.000,00
19.SUB-TOTAL I 54.210,00
20.TAXA DE IMPREVISTOS (5%).....2.710,50
21.SUB-TOTAL II 56.920,50
22.TAXA DA PRODUTORA (20%).....11.384,10
23.T O T A L G E R A L.....68.304,60
(Sessenta e oito mil, trezentos e quatro reais e sessenta centavos).

Belo Horizonte, 11 de março de 1996.

Projeto nº 5

CICLO DA MINERAÇÃO

I - INTRODUÇÃO

Este documentário videográfico tem como objetivo destacar a grande participação da Siderurgia e Mineração no desenvolvimento econômico e industrial do Brasil, através da análise de suas origens históricas e de suas perspectivas atuais e futuras.

A recente privação da Companhia Vale do Rio Doce oferece atualidade aos desdobramentos que o acontecimento está provocando na atual conjuntura econômica do Brasil.

Além de analisar o panorama contemporâneo da Siderurgia brasileira, o seriado também documentará a atividade da mineração em todo o país, com ênfase para o Quadrilátero Ferrífero mineiro e a Província de Carajás.

Integra este projeto o Roteiro Preliminar que, a seguir, é apresentado ao exame de emissoras educativas do Brasil, traçando, como se verá, um esquemático panorama do Ciclo da Mineração no Brasil.

II - ROTEIRO PRELIMINAR

1. A primeira seqüência do documentário focalizará as grandes jazidas do chamado "Quadrilátero Ferrífero" de Minas Gerais e da Província Mineral de Carajás, destacando aspectos curiosos das formações geológicas e minerais, fornecendo imagens expressivas para os comentários do Narrador, provisoriamente assim redigidos:

> NARRADOR: A origem do ferro remonta ao próprio período ígeno ou de formação sideral. "Admite-se, como explica Afrânio do Amaral, que durante o período de formação da Terra, o ferro sedimentou em primeiro lugar, por ser mais pesado, mais denso e muito abundante".

2. Continuando a ilustrar a seqüência introdutória, de caráter didático, as próximas imagens do documentário serão registradas no interior do Departamento de Mineralogia do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, onde serão fixadas imagens elucidativas de sua preciosa coleção científica, inclusive a famosa Pedra do Bandegó.

Enquanto isto, o Narrador estará dizendo:

> NARRADOR: "Não resta dúvida de que o ferro constitui elemento constante da composição dos corpos siderais, pois além do ferro se revelar, por exemplo, no espectro do sol, tais corpos ainda hoje se nos podem apresentar, sob a forma de meteorito, como a Pedra de Bandegó, exposta no Museu Nacional do Rio de Janeiro, e que possui a seguinte composição química: ferro: 95,1%; níquel: 3,9%: outros elementos: 1%.

3. Câmera registrará, a seguir, algumas das numerosas jazidas ferríferas de Minas e de Carajás, fixadas em pleno trabalho de exploração pela Companhia Vale do Rio Doce, além de outras mineradoras em atividade, mostrando operários, engenheiros, máquinas, tratores, caminhões, etc., ocupando o campo visual em ruidosas operações técnicas. O Narrador, neste ponto estará dizendo, aproximadamente, o texto seguinte:

> NARRADOR: A jazida, quando apresenta possibilidade de exploração industrial, chama-se <u>mina</u>, que é submetida à exploração por meio de operações mecânicas, conduzentes ao seu aproveitamento industrial ou transformação química. Dos minérios de ferro o mais utilizável na metalurgia é o sesquióxido, ou hematita. O Brasil, Índia e Chile possuem o melhor tipo

de hematita, apresentando sua composição, respectivamente, os seguintes limites: 65-68; 55-60 e 60-65.

4. Nova seqüência do filme situará o ciclo do ferro na evolução econômica do Brasil. As imagens, neste ponto, serão fornecidas por documentos iconográficos, existentes nos principais museus do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, etc., além de gravuras do acervo da Biblioteca Nacional.

NARRADOR: A evolução histórica brasileira, segundo informam historiadores, economistas e sociólogos, estabeleceu as seguintes etapas econômicas de nosso País: Primeiro: a ocupação do litoral nos séculos 16 e 17; Segundo: a penetração mineradora e a criação de gado no século 18; Terceiro: a cana de açúcar, a expansão da lavoura cafeeira no Centro-Sul e a exploração da borracha amazônica no século 19 e princípios do século 20: Quarto: o aproveitamento de nossas jazidas ferríferas na fase atual; Quinto: a acelerada industrialização a partir da segunda metade do século 20.

5. Explicando, simultaneamente, as novas imagens do documentário, mostrando o pau-brasil, a atividade da mineração, as plantações da cana de açúcar (Nordeste), o trabalho nas usinas açucareiras, e a extração da borracha, cacau, fumo, algodão e café, o Narrador comentará:

NARRADOR: A evolução histórica do Brasil segue etapas agrícolas e extrativas bem definidas, marcando no tempo o desenvolvimento econômico da Nação: o Ciclo da Mineração, heroicamente impulsiondo pelos Bandeirantes paulistas: o Ciclo do Açúcar, Algodão, Cacau, Fumo e, por último, do Café. Este último se prolonga até nossos dias, coexistindo com o poderoso Ciclo do Ferro e do Aço, que ,direciona o Brasil para uma poderosa etapa econômica e tecnológica marcada por crescente globalização.

6. Nova seqüência mostra, inicialmente, os primórdios do ciclo siderúrgico brasileiro, focalizando fotos e estampas das primeiras usinas instaladas no Brasil e enfatizando as figuras históricas do Intendente Câmara, Barão de Eschwege e professor Henri Gorceix, pioneiros na introdução do ciclo siderúrgico, da mineração e do ensino da Mineralogia no Brasil.

Além da utilização do material iconográfico, neste ponto o documentário mostrará os velhos fornos instalados em Congonhas do

Campo, Itabirito e outros locais de Minas, além, finalmente, de peças que integram museus do Rio, Ouro Preto, Diamantina, etc.

NARRADOR: As primitivas iniciativas da indústria siderúrgica da época de D. João VI fracassaram não exatamente por falta de proteção, mas simplesmente porque nenhuma indústria cria mercado por si mesma, e o mercado para produtos siderúrgicos era, à época, praticamente inexistente. A industrialização teria de começar por aqueles produtos que já dispunham de um mercado de certa magnitude, como era o caso dos tecidos, única manufatura cujo mercado se estendia, inclusive, à população escrava. Destaca-se, nesta fase, a figura histórica do Intendente Manuel da Câmara Ferreira Bethencourt e Sá, que o rei D. João VI incumbiu, em 1808, de estabelecer uma fábrica de ferro, instalada no morro do Pilar, de que resultou a primeira corrida de ferro gusa do alto-forno, em 1814. Já em 1812, o Barão de Eschwege obteve, em sua fábrica "Patriótica", em Congonhas do Campo, o ferro líquido, enquanto Frederico Luis Guilherme de Varnhagen instalava uma fábrica de ferro em São João de Ipanema; o francês Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade entrava para a história da Siderurgia brasileira ao instalar, próximo a Caeté, Minas Gerais, uma fundição de ferro e outro francês, Henri Gorceix, fundava a Escola de Minas e Metalurgia, em Ouro Preto, com um Museu considerado dos melhores e mais ricos do mundo.

7. A seguir, quando se focalizar a figura austera do Barão de Mauá, o Narrador estará lendo novo texto explicativo:

NARRADOR: A industrialização aparece como valor social, na cena histórica do Brasil, por volta de 1850, sob a égide do Barão de Mauá, mas só se transformaria em força social e econômica quase um século mais tarde.

8. Surgem, em seguida, imagens de velhas gravuras de usinas de açúcar do Nordeste, casas-grandes e retratos de senhores de engenho com seu poderoso império latifundiário, vindo depois imagens ao vivo de velhos engenhos ainda em funcionamento no Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e outros pontos do País.

NARRADOR: O Ciclo do Açúcar, que tem em Gilberto Freyre seu mais notável historiador, criou uma aristocracia rural e econômica de grande influência social, política e econômica no Brasil. Em termos sociológicos, as origens remotas do processo de

industrialização no Brasil se encontram na desagregação da ordem social, associada ao regime de castas, ao latifúndio e ao trabalho escravo. O Ciclo do Açúcar, como ocorrido no Nordeste, com a proliferação das grandes usinas e a poderosa força política e econômica dos usineiros, marcou profundamente a evolução econômica nacional e, a partir da região nordestina, penetrou em São Paulo,Rio de Janeiro, Minas Gerais e, afinal, em praticamente todo o País.

9. Serão agora mostradas algumas das velhas usinas siderúrgicas de Minas Gerais, ainda em funcionamento, apesar de seu obsoletismo. Estas imagens, por assim dizer "históricas" do Ciclo do Ferro, serão diretamente substituídas, como efeito de contraste, pelas atuais e modernas usinas siderúrgicas brasileiras, como a CSN, em Volta Redonda, USIMINAS, BELGO-MINEIRA, AÇOMINAS, ACESITA, COSIPA, etc.

NARRADOR: Sucedendo em Minas Gerais ao Ciclo do Ouro, que surgiu da ação ciclópica dos Bandeirantes paulistas, o Ciclo do Ferro teve início do século 19 e alcançou sua plenitude com a criação do parque siderúrgico brasileiro que teve na Companhia Siderúrgica Nacional um extraordinário marco inaugural. Fundada em 1940 por Getúlio Vargas, sua criação foi negociada em plena guerra com o governo dos Estados Unidos, como contrapartida ao uso das bases brasileiras do Nordeste. Privatizada em 1993, a CSN liderou,em 97, a compra da poderosaVale do Rio Doce entrando agora em fase de grande expansão,garantindo ao Brasil maior capacidade de competição no mercado internacional. Juntamente com outras e modernas usinas siderúrgicas, como a COSIPA, USIMINAS, AÇOMINAS, BELGO-MINEIRA, ACESITA, MANNESMANN, GERDAU, etc, a CSN coloca o Brasil como um dos maiores produtores de aço de todo o mundo, com mais de 25 milhões de toneladas por ano.

10. Câmera registrará, a seguir, flagrantes do poderoso parque industrial brasileiro, instalado em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, como as montadoras automobilísticas do ABCD paulista, a FIAT, o parque industrial de Contagem e o local onde a Mercedes-Benz erguerá sua grande fábrica em Juiz de Fora.

NARRADOR: O número de estabelecimentos fabris, a partir da última grande guerra, aumentou significativamente no Brasil.Entre 1939 e 1956, a taxa anual de crescimento do Produto Interno Bruto era de 6,8%. Entre 1947 e 1956 essa subiu para 7,5%.

as grandes fábricas de automóveis, ônibus, caminhões, motores, vagões, navios, produtos químicos dos mais variados, a indústria têxtil, de transformação, antes importados, são aqui produzidos, transformando o Brasil em potência industrial não só da América Latina como do mundo inteiro. Preocupado com a competição, num mundo globalizado, é preocupação de empresários, trabalhadores, legisladores e governantes, a introdução na economia brasileira de uma tecnologia atualizada quelhe permita integrar-se num mundo marcado por feroz competitividade. Este fato,aliás, levou Caio Prado Junior a escrever, no livro "Formação do Brasil Contemporâneo" que "o Brasil vive um momento em que o progresso industrial do mundo marcha a passos de gigante, e a ciência põe a serviço dela, cada dia, mais um invento, uma técnica, uma possibilidade nova".

11. Além de documentar a aplicação diversificada da produção de ferro, alumínio, cobre, estanho, etc., câmera registrará, nesta seqüência, os produtos acabados ou semi-acabados sendo exportados via-aérea ou via - marítima, ou, no mercado interno, sendo consumido em escala cada vez maior.

Para esta seqüência este poderá ser o texto do Narrador:

NARRADOR: Tendo como matérias-primas o calcáreo, carvão, minério de ferro, manganês, bauxita, criolita, silicatos, cobre, estanho e outros minerais, o Brasil produz uma enorme gama de produtos que abastecem não só o mercado interno, como são exportados para numerosos países de outros continentes.
Desde as formas primárias das ligas de ferro-carbono e dos aços especiais, passando pelo ferro-gusa, os lingotes e laminados, a produção nacional destina-se à aplicação na indústria de base, de bens de capital e de transformação, indispensável ao País para superar o subdesenvolvimento e, pela aplicação de uma tecnologia avançada, alcançar um estágio superior de desenvolvimento material, econômico, cultural e social, gerando empregos e elevando o padrão de vida das populações brasileiras.

12. Neste ponto, alcançando, de certa forma, conteúdo alegórico, câmera fixará, em "flashes" rápidos e dinâmicos, flagrantes de algumas das maiores cidades brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Recife, etc., fixando multidões nas ruas e avenidas, arranha-céus, concentrações fabris e o tráfego intenso de veículos nas estradas e vias públicas.

Estas imagens servirão de fundo para novos comentários do Narrador:

> NARRADOR: A urbanização e o surgimento das grandes cidades e metrópoles brasileiras foram o elemento dinâmico que polarizou o desenvolvimento industrial e configurou a comunidade urbana. Ela aparece, nitidamente, como padrão natural de desenvolvimento do tipo de ordem social implantado no Brasil como um capítulo da expansão européia nos trópicos. Aparece, finalmente, como um produto natural do desenvolvimento da sociedade de massas.

Além da massa humana das grandes cidades, câmera passará, em seguida, a focalizar as multidões de operários, técnicos e funcionários que chegam às grandes indústrias brasileiras, iniciando nova jornada de trabalho.

Na trilha sonora, ouvir-se-ão ruídos de sirenes e apitos de fábricas, fornecendo o fundo sonoro para os novos comentários do Narrador:

> NARRADOR: "Com a utilização racional e intensiva dos recursos naturais do ambiente físico, pelo esforço criador, nos laboratórios e oficinas, pode o Brasil chegar à condição de prosperidade que caracteriza os povos das nações desenvolvidas do mundo. No processo de transformação da estrutura produtiva pela industrialização e a substituição das importações pela fabricação, no País, de manufaturas e produtos para a indústria de base, a presença da Confederação Nacional da Indústria e, no plano regional, das Federações das Indústrias e dos organismos privados e governamentais de incentivo econômico, são atestado do alto grau de organização empresarial já alcançado pelo complexo produtivo do País.

13. Novaseqüência poderá abrir-se com um depoimentos, gravado ao vivo, do ministro Francisco Dorneles, da Indústria e do Comércio, ou do presidente da Confederação Nacional da Indústria, que poderá expender considerações sobre a atualidade econômica do Brasil e, inclusive, do MERCOSUL e da futura Área de Livre Comércio das Américas.

14. Intercalando imagens com o depoimento do ministro, ou do presidente da CNI, câmera registrará flagrantes

1)- de veículos motorizados (carros, caminhões, tratores, etc.), saindo da linha de montagem;

2)- de navios sendo lançados ao mar nos grandes estaleiros do Brasil;

3)- das etapas da fabricação de aço, tubos sem costura, produtos siderúrgicos, etc.;

4)- de tecidos e manufaturas diversas em fase de produção.

Retornando ao gabinete do ministro, ou do presidente da CNI, câmera registrará a parte final do depoimento.

15. As imagens finais do documentário mostrarão, de forma simbólica e conclusivas, "flashes" de chaminés e imensos parques fabris,mostrando multidões de operários que chegam para nova jornada de trabalho.

Na trilha sonora, a orquestração de sirenes e apitos de fábricas, vai, na mixagem sonora, para segundo-plano, subindo, eloqüente, música de encerramento, com grande orquestra e coral.

Belo Horizonte, maio de 1997.

Geraldo Santos Pereira.

Projeto nº 5

CICLO DA MINERAÇÃO

Orçamento Discriminado

1. PESQUISA E ROTEIRO ..... R$5.000,00
2. DIREÇÃO ..... R$6.000,00
3. PRODUÇÃO-EXECUTIVA ..... R$4.000,00
4. DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA E CÂMERA ..... R$3.000,00
5. EDITOR E ILHA DE EDIÇÃO ..... R$3.000,00
6. EQUIPE TÉCNICA ..... R$4.000,00
7. COMPUTAÇÃO GRÁFICA ..... R$2.000,00
8. ESCANEAMENTO DE FOTOS ..... R$1.000,00
9. IMAGENS DE ARQUIVO ..... R$1.000,00
10. LOCUÇÃO ..... R$3.000,00
11. EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO ..... R$4.000,00
12. MATERIAL VIRGEM ..... R$2.000,00
13. VIAGENS E HOSPEDAGEM ..... R$3.000,00
14. VEÍCULOS E TRANSPORTE ..... R$2.000,00
15. ADMINISTRAÇÃO ..... R$1.000,00
16. SUB-TOTAL I ..... R$44.000,00
17. TAXA DE IMPREVISTOS - 5% - ..... R$2.200,00
18. SUB-TOTAL II ..... R$46.200,00
19. TAXA DA PRODUTORA - 15% - ..... R$6.930,00
20. T O T A L G E R A L ..... R$53.130,00

(Cinqüenta e três mil e cento e trinta reais)

Projeto nº 6

TESOUROS FOLCLÓRICOS DO BRASIL

I - INTRODUÇÃO

É de vital importância para a preservação da cultura popular de uma nação o conhecimento, registro e divulgação de suas tradições populares e folclóricas.

"Folclore - define Renato Almeida - é um capítulo da ciência do homem. Ele estuda manifestações de origem espiritual e as da vida material que lhe são correlatas, dos primitivos e das classes populares das sociedades civilizadas, tudo que é feito espontaneamente, sem ciência nem regra. São as crendices, os contos, as lendas, as estórias, os cantos, as danças, as crenças e as técnicas, coisas fora do campo do aprendizado oficial".

"No primeiro século da colonização - escreveu Sylvio Romero - portugueses, índios e negros acharam-se em frente uns dos outros, e diante de uma natureza esplêndida, em luta, tendo por armas o obuz, a flecha e a enxada, e por lenitivo as saudades da terra natal. O português lutava, vencia e escravizava; o índio defendia-se, era vencido, fugia ou ficava cativo; o africano trabalhava, trabalhava. Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades: o português de seus lares, além-mar; o índio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais haveria de ver".

"As origens do folclore brasileiro - assina, por sua vez, Dante de Laytano - suas raízes propriamente ditas, residem nas heranças daqueles que povoaram a terra e de outros povos que vieram depois e transmitiram através do tempo as tradições que explicam a conduta e o hábito das gentes".

Dessa extraordinária e belíssima mistura de raças, culturas e tradições de origem lusitana, indígena e africana - nasceu o **Folclore Brasileiro**, um dos mais ricos e diversificados de todo o mundo e que um de nossos maiores estudiosos, Luiz da Câmara Cascudo, define como "a cultura popular, tornada normativa pela tradição, pois estuda a solução popular na vida em sociedade".

Brasil, Espanha, Rússia, China, Índia e Japão são geralmente considerados os países com o Folclore mais rico e diversificado de todo o mundo. Entre todos, contudo, o Brasil é o que menos estuda e, principalmente, preserva o maravilhoso acervo folclórico, nascido, como dissemos, da miscigenação étnica de portugueses, negros e índios.

O projeto de **TESOUROS FOLCLÓRICOS DO BRASIL** pretende, através de registro videográfico, contribuir para o estudo, conhecimento, preservação e divulgação desse extraordinário patrimônio popular, que se estende de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

É um projeto ambicioso por sua amplitude e objetivo de busca e documentação das fontes mais puras das manifestações populares das três vertentes étnicas e culturais citadas, fixadas nos locais e *habitat* onde se manifestam: o *Norte e Centro-Oeste,* onde predominam as tradições indígenas; o *Nordeste e parte do Sudeste,* onde a influência africana se exprime com mais força e, finalmente, *parte do Sudeste,* sobretudo Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, e a *região Sul,* onde as tradições luso-européias, trazidas pelos portugueses, colonizadores e imigrantes da Europa e Ásia, notadamente espanhóis, italianos, holandeses, alemães, poloneses e japoneses, tiveram como resultado a produção no Brasil de um folclore de admirável riqueza e diversidade.

Fará parte do vídeo o registro do *Festival Internacional de Folclore,* importante evento que se realiza anualmente na cidade mineira de Montes Claros, ou, eventualmente, com o patrocínio de entidades oficiais e privadas, de um grande Festival Internacional que poderia realizar-se em uma das principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Manaus ou Porto Alegre.

A seguir, complementando este dossiê, apresentamos uma Síntese, por região, do material folclórico a ser documentado no seriado videográfico.

II - SÍNTESE, POR REGIÃO, DO MATERIAL FOLCLÓRICO A SER DOCUMENTADO.

1. **NORTE:** - Mapa Folclórico da região Norte: *Boi-Bumbá* (cortejo e representação da morte e ressurreição de um boi fingido e outras manifestações cantadas e dançadas);*Pássaros* (representação por vezes não folclórica, mas apenas com elementos folclóricos, cujo tema principal é a tentativa de morte ou morte e ressurreição da ave ou bicho-símbolo do grupo: Periquito, Rouxinol, Coati, Pirarucu, Guariba); *Marujada de Mulheres* (cortejo, com as danças Retumbão e Bagre, como participantes as majuras, capitoa, ou subcapitoa); *Pastorinhas* (cortejo e representação de meninas *ou mocinhas, um e outro menino, ligados ao nascimento de Jesus); Tribos* (cortejo e representação de cena da vida indígena, com moças e rapazes); *Brigues* (cortejo e representação dos trabalhos do mar, com cenas históricas).

2. **NORDESTE** - Mapa Folclórico da região Nordeste: **Ceará:** *Maneiro-Pau* ou Mineiro-Pau (representação de uma luta de cacetes, na forma de dança de roda); *Boi-do-Reis, Boi Surubi ou Bumba-meu-Boi* (cortejo e representação, forma de dança de lanças: Marujada, Chegança, *Boi Calemba ou Bumba-meu-Boi:* **Pernambuco:** *Maracatu* (cortejo real com rei, rainha, boneca ou calunga e um bicho ou objeto símbolo, que pode ser leão, elefante, tigre, peixe engolindo estrela, águia de ouro, barco, estrela); *Caboclinhos* (cortejo e representação com personagens vestidos à imitação de índios e em cuja indumentária, no geral de grande efeito, predominam penas de ema); *Urso de Carnaval* (cortejo de pequeno grupo, em que o personagem principal dança dentro de uma máscara de urso; *Bumba-meu-Boi; Pastoril*: **Alagoas -** *Reisado* (cortejo e representação de cenas diversas, com participação de chapéus enfeitados de espelhos, flores artificiais, fitas, saiotes e capa de cetim); *Guerreiro* (espécie de Reisado, de indumentária mais rica e maior número de personagens); *Quilombo* ou *Dança dos Quilombos* (representação da luta dos caboclos ou índios com os africanos ou negros); *Baile Pastoril ou Presépio* (representação de pequeno drama, intercalado de cantos ou jornadas das pastorinhas); Cavalhada (cortejo e torneio a cavalo, em que a parte mais importante consiste na retirada de uma argolinha, com a ponta da lança, em plena corrida); *Baianas, Baiana ou Samba de Matuto* (cortejo de mulheres vestidas de baianas, no qual podem aparecer personagens do Reisado); Pastoril (pastorinhas); Fandango (Marujada); *Chegança.* - **BAHIA** - *Afochê* (cortejo real como o Maracatu, na representação de um grupo de caçadores nobres, originários da África); *Maculelê* (representação de ataque e defesa, na forma de dança de cacetes ou bastões); *Ternos e Ranchos* (cortejo de grupos de vários personagens, que festejam o Natal); *Pastoril (Pastorinhas); Baile*

Pastoril. - *Capoeira:* combate singular em que os "moleques de Sinhá" apenas demonstram sua destreza e capacidade de ataque e defesa sem, contudo, atingir efetivamente os oponentes. Documentação do barimbau e outros instrumentos rítmicos que acompanham a Capoeira.

3 - **SUDESTE** - Mapa Folclórico da região Sudeste: **Minas Gerais:** *Catopês ou Catupes* (espécie de Congada, na forma de cortejo); *Caiapó* (semelhante ao folguedo paulista); *Moçambique* (cortejo de homens vestidos de saia e turbante na cabeça); *Cavalhada* de mouros e cristãos: *Folia de Reis,* com palhaços mascarados; *Congada,* mais na forma de cortejo); *Caboclinhos.*; *Cavalhadas, Catiras e Festas Juninas;* Pastorinhas: *Semana Santa* em Ouro Preto e São João del Rei; Moçambique. - **Espírito Santo**: *Cabocleiro ou Brinquedo de Caboclo* (cortejo e representação com personagens fantasiados de índios); *Alardo* (variante da Congada, no esquema da luta de mouros e cristãos); *Ticumbi, Congada ou Dança de Congos* (cortejo e representação do desentendimento de duas nações africanas, por causa da festa de São Benedito); *Folia de Reis*, com palhaços mascarados); **Rio de Janeiro:** *Dança de Velhos* (cortejo de grupos de doze a quatorze personagens, representando velhos e velhas); *Folia de Reis,* com palhaços mascarados; *Bumba-meu-Boi; Folia de Reis;* **São Paulo:** *Congada, Congado ou Contos* (cortejo e representação na forma de embaixada, com mal-entendidos, guerra e paz, de dois grupos que vão festejar São Benedito; *Moçambique* (cortejo e dança de bastões, com figurado acrobático, em que os participantes usam guizos nas pernas); *Folia de Reis,* com palhaços mascarados (cortejo de pequeno grupo, com dois ou três palhaços de máscara, que angariam donativos para a festa de Reis: Caiapó (cortejo e pequenas cenas dramáticas de personagens vestidos de penas ou capim barba-de-bode, à imitação de selvagens ou índios); Cavalhada (cortejo e representação da luta de mouros e cristãos, na característica de torneio a cavalo: Cordão de Bicho (cortejo de máscaras de animais, aves, insetos e outros personagens, com representação de tourada.

4. - **SUL** - Mapa Folclórico da região - **Paraná;** *Congada* (cortejo e representação de embaixada nos festejos de São Benedito, com mal-entendidos, guerra e confraternização; *Boi-de-Mamão:* variante do folguedo do Boi, em que surgem diversos personagens mascarados, inclusive dois bichos papões: a Bernúncia e seu marido, o Barão: *Cavalhada* de mouros e cristãos; **Santa Catarina:** *Vilão* (cortejo e dança acrobática, com bastões de dois metros de comprimento e da grossura de cabo de vassoura); *Boi-de-Mamão* (com maior número de máscaras do que o folguedo do Paraná e apenas um bicho-papão: a Bernúncia: **Rio Grande do Sul:** *Terno de Reis* (cortejo de grupo que angaria donativos e representa variante do folguedo do Boi, o Pau-de-Fita e a Jardineira ou dança do Arco-das-Flores);

Cavalhada de mouros e cristãos; *Quicumbi* (espécie de Congada, com cortejo e representação de embaixada em louvor a São Benedito); *Congada* na forma de cortejo real, com danças, e *Moçambique*, sem bastões; Danças antigas: *Chimarrita, Tirana, Quero-mana, Balaio, Guaraxaim.*

5. - **CENTRO-OESTE** - **Goiás:** *Congada ou Congos* (cortejo e representação semelhante ao Ticumbi do Espírito Santo e aos grupos da Lapa, no Paraná, e de São Sebastião, bairro de São Francisco em São Paulo); *Contradança* (cortejo e representação de várias coreografias, inclusive da dança do Pau-de-Fita); *Dança dos Tapuios* (cortejo e representação com personagens vestidos à imitação de índios); *Festa do Divino Espírito Santos,* em Pirenópolis, incluindo as famosas *Cavalhadas.*

Projeto nº 6

TESOUROS FOLCLÓRICOS DO BRASIL

Orçamento Discriminado

1. PESQUISA E ROTEIRO
Geraldo Santos Pereira.....5.000,00
Renato Santos Pereira.....4.000,00
2. DIRETOR: Geraldo Santos Pereira.....6.000,00
3. .CO-DIRETOR: Renato Santos Pereira 4.000,00
4. PRODUTOR-EXECUTIVO: Murillo Moreira Jr.....5.000,00
5. DIRETOR DE FOTOGRAFIA E CÂMERA
Marcos V.F.Carvalho 4.000,00
6. ASSISTENTE DE CÂMERA 1.000,00
7. EDITOR E ILHA DE EDIÇÃO 3.000,00
8. COMPUTAÇÃO GRÁFICA.....1.500,00
9. ESCANEAMENTO DE FOTOS.....1.000,00
10.IMAGENS DE ARQUIVO 2.000,00
11.LOCUTOR.....2.000,00
12.VERBA DE PRODUÇÃO 1.000,00
13.EQUIPAMENTO DE CÂMERA E ILUMINAÇÃO.....3.75O,00
14.MATERIAL VIRGEM.....600,00
15.HOSPEDAGEM 4.500,00
16.ALIMENTAÇÃO.....2.700,00
17.TRANSPORTE.....2.200,00
18.ADMINISTRAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....1.000,00
19.SUB-TOTAL I 53.210,00
20.TAXA DE IMPREVISTOS (5%).....2.660,00
21.SUB-TOTAL II 55.870,00
22.TAXA DA PRODUTORA (10%).....5.587,00

23.T O T A L G E R A L.....61.457,00
(Sessenta e um mil, quatrocentos e cinqüenta e sete reais)

Belo Horizonte, 15 de março de 1996

Geraldo Santos Pereira

Geraldo Santos Pereira

CURRICULUM VITAE

I - FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CULTURAL

1. Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais;
2. "Institut des Hautes Études Cinématographiques", Paris (Produção e Direção);
3. "Education par le Jeu Dramatique", Paris;
4. Literatura Contemporânea - Sorbonne, Paris:
5. Curso de Inglês: Brasas, Rio de Janeiro;
6. Curso de Francês: Sociedade Cultural Franco-Brasileira, Belo Horizonte;
7. Assistente de Direção da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, São Paulo, 1952-1955.

II - REALIZAÇÃO PROFISSIONAL - CINEMA

a) - Filmes de Curta-Metragem:

1. "Educação e Desenvolvimento", INCE, 1956;
2. "Escolas Técnicas do Brasil", INCE, 1956;
3. "Campanha de Educação Física", INCE, 1957;
4. "Formando Geólogos para o Brasil", INCE, 1957;
5. "Mineralogia Brasileira", INCE, 1958;
6. "Museu Nacional", INCE, 1958;
7. "O Mosteiro de São Bento", INCE, 1959;
8. "Roteiro Barroco Mineiro: Ouro Preto", INCE, 1960;
9. "Roteiro Barroco Mineiro: Diamantina", INCE, 1960;
10. "A Pintura Brasileira", Ministério da Educação e Cultura, 1961;
11. "O Que é o IPHAN", idem, 1961;
12. "Fazenda-Escola", Governo de Minas Gerais, 1965;
13. "Serra da Piedade", idem, 1966;
14. "Bens de Capital", Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1971.

b) - Filmes de Longa-Metragem:

1. "Rebelião em Vila Rica", em Agfacolor, "Mention d'Honneur" no Festival Mundial do Filme de Bruxelas, 1958, co-direção com Renato Santos Pereira;
2. "Grande Sertão", 1965, adaptado do romance "Grande Sertão:

Veredas", de Guimarães Rosa, co-direção com Renato Santos Pereira;
3. "Balada dos Infiéis", 1970, em "Eastmancolor", inspirado no conto "Água de Juventa", de Coelho Neto;
4. "O Seminarista", 1977, em "Eastmancolor", adaptado do romance de Bernardo Guimarães. "Melhor Filme Nacional de 1977, pela Associação Paulista de Críticos de Arte, São Paulo;
5. "O Sol dos Amantes", em "Eastmancolor", 1979.

III - ARGUMENTOS E ROTEIROS TÉCNICOS

1. "O Aleijadinho", com Renato Santos Pereira, em fase de pré-produção;
2. "O Cangaceiro e o Samurai" (premiado em concurso de Roteiros do Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme;
3. "Ciranda Barroca", projeto e roteiro aprovados pela Comissão Nacional de Incentivo à Cultura", do Ministério da Cultura;
4. "O Ex-Presidente".

IV - ATIVIDADE PEDAGÓGICA

1. Professor convidado do Museu de Arte Moderna, de São Paulo, para a disciplina "Produção e Direção";
2. Artista Convidado do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, 1996.

V - ATIVIDADE JORNALÍSTICA (Jornalista Profissional: Carteira Profissional do Ministério do Trabalho nº 64.820, Série 140).

1. Redator de "O Diário", de Belo Horizonte;
2. Redator e crítico de cinema de "Estado de Minas";
3. Redator da "Folha da Noite", São Paulo;
4. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Feirinha Noturna", da TV Record, de São Paulo, 1955;
5. Crítico de cinema do "Diário Carioca", Rio de Janeiro;
6. Crítico de cinema do "Diário de Notícias", Rio de Janeiro;
7. Redator da revista "Manchete", Rio de Janeiro;
8. Redator da revista "Luz e Ação", Rio de Janeiro;
9. Redator, Produtor e Apresentador do programa "Conversa na Noite", da Rádio Inconfidência, 1996.

VI - LIVROS PUBLICADOS

1. "Plano Geral do Cinema Brasileiro", Editor Borsoi, 1973;
2. "O Sol dos Amantes", Editora José Olympio-Embrafilme,1979;
3. "Ciranda Barroca", Editora Grupiara, 1984.

VII - ATIVIDADE PÚBLICA E ASSOCIATIVA

1. Membro e Secretário-Geral da Comissão Federal de Cinema, do Ministério da Educação e Cultura, 1956;
2. Membro e Secretário-Geral do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, do Ministério da Educação e Cultura, 1958;
3. Diretor do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica;
4. Diretor da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos;
5. Membro do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Rio de Janeiro;
6. Membro da Associação Brasileira de Cineastas;
7. Membro da Associação Mineira de Cineastas.

VIII- PRÊMIOS E CONDECORAÇÃO

1. 1º Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", promovido pelo jornal "O Globo", (Viagem a Paris), 1959;
2. Um dos 6 premiados no Concurso de Roteiros Originais promovido pelo Instituto Nacional de Cinema e Embrafilme, ("O Cangaceiro e o Samurai"), 1976;
3. Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto, 1982.

Geraldo Santos Pereira

Rua Pompéia, 39 ap. 01 - Prado - CEP 30410-130
Telefax: (031) 371-4604
Belo Horizonte.